

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Câmpus Experimental de Ourinhos

Maria Sarah Conca Parede

Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras – MG:
Uma perspectiva sobre paisagem

OURINHOS – SP
2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Câmpus Experimental de Ourinhos

Maria Sarah Conca Parede

Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras – MG:
Uma perspectiva sobre paisagem

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora para obtenção do título de
Bacharel em Geografia pela Unesp – Campus
Experimental de Ourinhos.*

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Luciene Cristina Risso

P227m Parede, Maria Sarah Conca
Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG :
Uma perspectiva sobre paisagem / Maria Sarah Conca Parede.
– Ourinhos, 2020
103 f. : tabs., fotos, mapas, 2 v.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus Experimental
de Ourinhos, Ourinhos
Orientadora: Luciene Cristina Risso

1. Geografia Cultural. 2. Estudo de casos Método. 3. Cultura
e turismo. 4. Minas e recursos minerais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Câmpus Experimental de Ourinhos. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Banca examinadora

Prof.^a. Dr.^a Luciene Cristina Risso (Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a Fabiana Pereira Correia

Prof.^a Mr.^a Yume Kikuda Silveira

Ourinhos, 16 de dezembro de 2020.

À memória de meus pais e professores de vida Aloízo Eugênio e André Conca.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Luciene Cristina Risso por abraçar essa pesquisa e continuar me incentivando para o caminho da geografia cultural. Agradeço também às professoras Yume Kikuda Silveira e Fabiana Pereira Correia que concordaram em compor a banca deste trabalho, trazendo reflexões e colaborações de extrema importância para minha continuidade no meio acadêmico.

Agradeço à minha mãe Cida por toda luta que ela representa e por ser meu exemplo de força, sempre.

Agradeço ao meu companheiro Lucas por toda motivação e apoio para que esse trabalho fosse concluído. Obrigada por toda paciência, amor e sabedoria que carregas e por compartilhar sua vida com a minha. Que sorte eu tenho!

Agradeço aos meus irmãos e irmãs de vida que mesmo com a pandemia se fizeram tão presentes nessa caminhada: Tainah, Ludmila, Vinícius, Thamires e Alexandre. “Minha vida, nossas vidas, formam um só diamante”.

Agradeço a cada morador de São Thomé das Letras que se propôs a colaborar com esta pesquisa: A Carla por seu tempo e estudo etnográfico único que ajudou a compor este trabalho; A Francisca pelo carinho e disposição em compartilhar sua vivência extraordinária; Ao Fábio por sua amizade, por nossas conversas e por sempre exaltar os músicos e artistas da cidade; Ao Seu Valtenir por seu papel importante na cooperativa, por sua atenção e disponibilidade; Ao Tomé Alvarenga atual prefeito por me ouvir e considerar estas propostas para seu mandato; Ao Silvio agradeço o tempo cedido – mesmo com tanto trabalho e dedicação em tempo integral, agradeço pela força e amizade. Agradeço também aos membros da Brigada Voluntária Chico Taquara pelo árduo trabalho de preservação e salvação da fauna e flora do Cerrado.

Aos amigos que Ourinhos me deu, agradeço pela ajuda, paciência e compreensão. Espero de coração que nossas caminhadas se cruzem em algum momento.

Agradeço a todos os professores que me guiaram até aqui, até mesmo àqueles que me deram exemplos de como não agir.

Por fim, agradeço à Grande-mãe que, em sua plena sabedoria, concedeu à vida humana a capacidade de refletir, de recomeçar e de transformar, pois toda humanidade veio de uma mulher.

“No caminho dessa cidade as mulheres são morenas

Os homens serão felizes como se fossem meninos. ”

(Milton Nascimento – Itamarandiba, do Tupi Guarani “pedra rolando”)

RESUMO

As ações de natureza humana sempre foram objetos de estudos da geografia, sua conexão entre o meio natural e o social são capazes de preencher de significado uma paisagem e essa é uma realidade candente em São Thomé das Letras – MG, cidade escolhida para este estudo de caso. Cenário de diversas dinâmicas em diferentes tempos, a cidade está envolta em sua atmosfera mística que intriga até os pesquisadores mais céticos, consolidando assim uma paisagem única e nacionalmente conhecida, e que a geografia cultural se encarregará de interpretar. As duas atividades econômicas responsáveis pela maior movimentação de sua economia, mineração e turismo podem ser antagônicas, e tem um papel fundamental na composição da cultura local. O objetivo deste trabalho buscou identificar, a partir de entrevistas empíricas com lideranças dos segmentos (turismo, mineração, artes, política, religião e patrimônios) as diferentes perspectivas de cada uma delas sobre a paisagem local, além de levantar propostas junto à população que beneficie moradores e visitantes.

Palavras-chave: São Thomé das Letras, mineração, turismo, paisagem.

ABSTRACT

Human nature actions have always been the object of geography studies, their connection between the natural and the social environment is capable of filling a landscape with meaning and this is a very vivid reality in São Thomé das Letras – Minas Gerais, in Brazil, the city chosen for this study of case. The scene of diverse dynamics at different moments of time, the city is enveloped in its mystical atmosphere that intrigues even the most skeptical researchers, thus consolidating an unique and nationally known landscape, and which cultural geography will be in charge of interpreting. The two economic activities responsible for the greater movement of its economy, mining and tourism can be antagonistic, and have a fundamental role in the composition of the local culture. The objective of this work sought to identify, based on empirical interviews with leaders of the segments (tourism, mining, arts, politics, religion and heritage) the different perspectives of each one of them on the local landscape, besides raising proposals with the population that benefits residents and visitors.

.Keywords: São Thomé das Letras, mining, tourism, landscape.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
OBJETIVOS	09
METODOLOGIA	10
REFERENCIAL TEÓRICO	11
2. HISTÓRIA DE SÃO THOMÉ: DA MINERAÇÃO AO TURISMO	15
2.1. A exploração mineral no Estado de Minas Gerais	18
2.2. O quartzito e suas propriedades além da construção civil	18
2.3. O turismo no Brasil nos anos 1970	20
2.4. Breve histórico de criação do IPHAN e o reconhecimento dos patrimônios de São Thomé	22
2.5. São Thomé das Letras e o encontro com o sagrado	26
2.6. A presença artística na configuração do turismo em São Thomé das Letras	28
3. OS IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS ADVINDOS DA MINERAÇÃO	29
4. OS IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS ADVINDOS DO TURISMO	36
5. RESULTADOS	40
5.1. Como as atividades de mineração e turismo interferem na vida da população estudada	40
5.1.1. O Parque Antônio Rosa	43
5.2. As atividades econômicas em São Thomé segundo a visão das lideranças	46
5.2.1. Político	46
5.2.2. Turismo	50
5.2.3. Religião	53
5.2.4. Mineração	57
5.2.5. Artístico	58
5.2.6. Patrimônios	61
5.2.7. Propostas	64
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
9. ANEXOS	81
10. APÊNDICES	88

LISTA DE FIGURAS

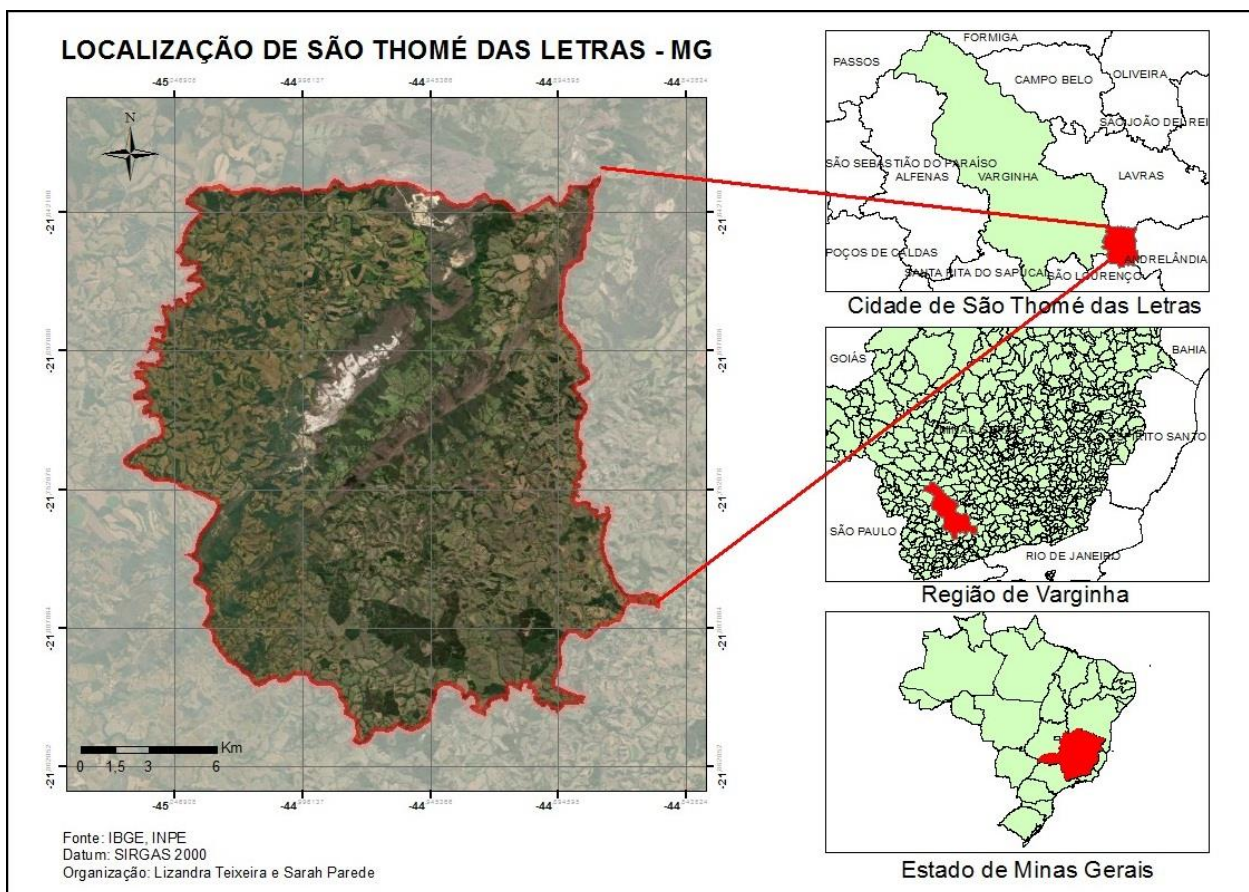
Figura 1 – Mapa de Localização de São Thomé das Letras - MG	11
Figura 2 - Pilhas de rejeitos de quartzito no perímetro urbano	14
Figura 3 - Recorte de imagem de satélite da Serra de São Thomé	14
Figura 4 - Duendes na entrada da Pousada Arco Íris	18
Figura 5 - Localização das inscrições rupestres encontradas na gruta ...	25
Figura 6 - Feira de casinhas de pedra artesanais	27
Figura 7 - Praça da Igreja do Rosário	31
Figura 8: Edificação do período colonial em quartzito	32
Figura 10: Bandeira de folia	33
Figura 11: Poço Secreto em São Thomé das Letras	38
Figura 12: Incêndio na Serra de São Thomé	42
Figura 13: Apresentação cultural na Pirâmide	48
Figura 14: Cachoeira Vale das Borboletas	51
Figura 15: Localização da APA São Thomé e APA Cantagalo	53
Figura 16: Sede da Fundação Harmonia no bairro Cantagalo	59
Figura 17: Turistas praticam suas atividades	60

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Índice de Desenvolvimento Humano do Centro Produtor de quartzos folhados	44
Gráfico 1: Relação dos entrevistados com seus Estados de Origem	50
Gráfico 2: Tempo de vivência dos entrevistados no município	51
Gráfico 3: Avaliação dos entrevistados quanto a atuação da gestão municipal.....	52
Tabela 2 – Frequência com que os entrevistados apontam as três pautas como propostas	55

1. INTRODUÇÃO

Na porção ocidental da Serra da Mantiqueira, ao Sul do Estado de Minas Gerais na microrregião de Varginha se encontra a Serra de São Thomé. Com sua origem geológica que data do período arqueano, a região possui relevos de baixa declividade, com altimetrias que variam entre 880 a 1315 metros e altitudes médias entre 1130 e 1230. Seu material de origem é o quartzito, rocha de grande valor comercial que recobre toda a região das duas serras: Entre a Serra São Thomé e a Serra do Cantagalo, está localizado o município de São Thomé das Letras (Figura 1), com sua área total de 369, 747 km²; nas coordenadas 21° 72' de latitude e 44° 98' de longitude a oeste. (Resende 2010, p. 31).



Mapa 1: Localização de São Thomé das Letras e da microrregião de Varginha.

Com pouco mais de 6.655 habitantes (dados Censo IBGE 2010), a cidade não escapou das necessidades impostas pelo mercado e pelo processo de modernização, ainda que de forma mais gradual que nas maiores cidades do Estado. Os registros sobre a história

de São Thomé das Letras são datados do início dos anos 30 quando se inicia a exploração do quartzito - popularmente conhecida como Pedra São Thomé, se tornando a principal fonte econômica da cidade. Porém, através da história oral, de objetos e símbolos encontrados na região podemos afirmar que essa história se prolonga por mais de mil anos, com a chegada dos primeiros hominídeos e sua temporária estadia nas cavernas de quartzito – onde se encontram registros rupestres que marcam a chegada dos índios Cataguazes, até adentrar as expedições de Fernão Dias, em meados do século XVII. Durante as últimas décadas uma nova atividade econômica promete alterar de maneira significativa o modo de vida dos moradores e trabalhadores de São Thomé das Letras: a região se demonstra apta a abraçar o ecoturismo em razão de suas feições litológicas que permitem a formação de belas paisagens naturais, cachoeiras e cavernas que atraem turistas, geólogos e espeleólogos de todo o país.

Não é somente o turista aventureiro que se encanta com a beleza singular do lugar, o misticismo que envolve a cidade é hoje um de seus maiores atrativos. Centro de terapias holísticas, organizações religiosas de diversas vertentes se instalaram na cidade que atualmente é sede de festivais e encontros místicos dedicado àquele que, assim como o próprio São Tomé, só acredita vendo. Esse movimento é posterior a chegada das atividades mineradoras, por isso seu potencial enquanto cidade turística só será reconhecido mais recentemente, surgindo com essa nova ressignificação a necessidade de políticas públicas que forneçam capacitação para o profissional do turismo. Essa mudança reflete inevitavelmente em novas relações sociais e econômicas e no elemento de estudo mais importante para essa pesquisa: a paisagem.

A paisagem é um elemento indissociável da abordagem cultural que, embora por muitos anos não tenha alcançado sua posição central, retrata elementos preciosos para a compreensão da natureza e da distribuição espacial.

Se a geografia cultural recebeu seu devido reconhecimento no Brasil a partir dos anos 80, não nos surpreende que as pesquisas relacionadas as experiências da população sobre o lugar ainda sejam estritamente recentes, assim como o estudo da percepção.

Segundo Cosgrove (1989), “O local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e, talvez, entrem em conflito”. No caso de São Thomé das Letras, esse conflito cultural é intenso e marcante na rotina dos moradores que há muito tempo assistem ao

desafio colocado pela busca de maneiras sustentáveis de lidar com atividades de forte impacto ambiental na região. Tal desafio também é vivenciado por mim, moradora do município há mais de vinte anos, que assisti à destruição de alguns espaços e a resignificação de outros.

Com uma paisagem repleta de diferentes simbologias e que reflete em suas atividades diárias, muitas são as percepções captadas em meu rotineiro caminhar matinal: ao final da rua onde moro, a mineradora exerce suas atividades causando tremores a cada pilha de rochas dinamitadas; aos finais de semana, essa mesma rua vivencia um cenário totalmente diferente com a visita de famílias, excursões e roteiros turísticos realizados por guias. O trajeto da minha casa até a padaria é o mesmo, e o faço em dias úteis ou não. Porém, ainda que o meu objetivo principal seja somente comprar o pão para o café, nenhum detalhe escapa ao meu olhar sobre a paisagem: seus aspectos mutáveis, subjetividades e desafios impostos pela modernidade me retornam ao mesmo texto de Cosgrove (1989), e em como ele finaliza o seguinte parágrafo: “Mesmo em uma manhã de sábado, ainda sou um geógrafo: a geografia está em toda parte”.

Quando iniciei os estudos em geografia, identifiquei em muitos momentos como a diversidade cultural influenciava diretamente na caracterização da paisagem e em como o potencial advindo de sua geomorfologia e da história oral preservadas por um estilo de vida que se distingue das outras cidades mineiras poderia alavancar a economia regional. Durante minha vivência na cidade, sempre escutei relatos de antigos moradores ou até mesmo de turistas que visitam há mais de vinte anos, como muita coisa mudou em São Thomé. Alguns dizem que melhorou, outros que piorou, no entanto, uma certeza é de que São Thomé não ficou para trás no que diz respeito ao processo de modernização, englobando todas as suas problemáticas e benefícios.

Também vivenciei a este processo e percebi como alguns lugares vinham recebendo diferentes significados, como o depósito de rejeitos deixado pelas pedreiras ao redor do Parque Municipal, um exemplo vivido deste processo – o chamamos de “sujeirão” ou, como a maioria da população concorda em chamar de “lixão”, é um local que se estende além do perímetro urbano e onde as crianças, mesmo nos dias de hoje com a tecnologia a serviço do entretenimento, empinam pipas com frequência (figura 2).



Figura 2: pilhas de rejeitos de quartzito no perímetro urbano. Fonte: portaldaspedras

Circulado em verde na imagem, se encontra o Parque Municipal Antônio Rosa, onde estão localizados muitos pontos turísticos como a Pedra da Bruxa, o Mirante e a Pirâmide; circulado em vermelho está o centro histórico de São Thomé das Letras e a gruta, ambos muito próximos às jazidas de quartzito. Muitas pilhas de rejeitos como estas podem ser observadas por toda a extensão do território de São Thomé das Letras e é o motivo da cor branca aparecer em evidência nas imagens de satélite ou a distância (figura 3), essas “montanhas brancas” são o resultado da explosão de camadas mais profundas da rocha e o não reaproveitamento destes rejeitos que assoreiam os recursos hídricos, além da poluição visual e o risco de desabamento eminente a qual tanto moradores quanto turistas estão sujeitos, já que se encontra muito próximo aos pontos turísticos e cachoeiras.



Figura 3: recorte de imagem de satélite da Serra de São Thomé. Fonte: Google, 2020.

Desta forma, surgiu a necessidade de dialogar com lideranças locais (religiosa, política, mineradora, turística, patrimonial e artística) afim de compreender suas perspectivas sobre o crescimento do perímetro urbano, bem como reconhecer os problemas sociais e ambientais enfrentados pelos moradores com as ações do turismo e da mineração.

Cada um destes representantes foi escolhido intencionalmente para ajudar a configurar esse mosaico: dos seis entrevistados, quatro são nativos enquanto dois são pessoas ativas nas decisões do coletivo de moradores; Para a religião conversamos com o representante da casa Paroquial, morador há mais de quinze anos; Para a mineração conversamos com o representante da COOPEDRA, também nativo; Para o turismo, a recepcionista da Pousada Arco Íris – nativa, mãe e descendente de uma das primeiras famílias a habitar o município, a família Rosa; Para patrimônios, a historiadora responsável pela identificação e registro dos patrimônios materiais e imateriais do município, também trabalhou com pesquisas para o IEPHA; Para política, o vice-prefeito do município (na época ainda atual) também nativo e ex-minerador; Para o segmento artístico, selecionei um dos coordenadores da AMA, responsável pela organização de músicos e artesãos da cidade.

Escolhi minha cidade de origem, São Thomé das Letras, com o intuito de expor uma realidade vigente em muitas cidades onde a mineração se desenvolveu, assim como aquelas que receberam muito recentemente a qualificação como estância turística, presenciando as mudanças acarretadas por esse novo fluxo intenso de visitantes que se torna ainda mais expressiva em cidades com menos de 20 mil habitantes.¹

Mesmo com seu difícil acesso e sua cultura tradicional advinda de um processo de extração de um recurso natural esgotável, nada impediu que a cidade tivesse seu crescimento voltado, mesmo que de forma orgânica, para outras atividades – no Estado temos como exemplo a cidade de Ouro Preto (antiga Vila Rica), que foi considerada o berço da extração mineral no século XVIII para, futuramente, desenvolver-se enquanto patrimônio humano. É importante rechaçar a dinâmica cultural que vem acoplada a uma nova atividade econômica, como a mineração trouxe à São Thomé as festividades católicas, ainda hoje muito representativas na região.

Enquanto em algumas cidades de Minas Gerais a cultura e tradições do catolicismo vem perdendo gradualmente espaço, São Thomé se tornou um espaço onde essas atividades prosperam; o mês de janeiro é sempre marcado pelos encontros das folias de reis, recebendo grupos de todo o entorno e fomento financeiro por parte da gestão municipal. O que torna a cidade distinta de tantas cidades históricas mineiras é o fato de que em São Thomé podemos encontrar diversas organizações religiosas, sendo elas de base cristã ou não. A cultura, as atividades econômicas e a religiosidade são responsáveis por carregar de sentido a paisagem local.

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o as suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos do grupo.
(CLAVAL, 2007, p.14)

Sendo assim, falamos de um local onde a paisagem cultural dominante e a alternativa se complementam e transformam um simples recorte paisagístico em uma estância turística de múltiplas faces que atrai diversos perfis de visitantes, desde o turista aventureiro que

¹ O Estado de Minas Gerais conta atualmente com 853 municípios dos quais cerca de 630 possuem menos de 20 mil habitantes (IBGE, 2010).

procura as mais diferentes trilhas até o turista que busca por respostas aos misteriosos relatos envolvendo fenômenos ufológicos.

Não obstante, há um perfil de turismo que tem causado preocupações: em questionário semiaberto aplicado com moradores foi revelado um auto nível de insatisfação com a atuação pública em relação a organização do turismo local e os impactos causados por ele; com sua população mais do que dobrada em feriados e festividades de fim de ano, a cidade se vê sobrecarregada, sobretudo na contenção de desastres como as queimadas.

Por se tratar de uma região onde a natureza está bem próxima as ocupações urbanas e considerando que quase metade da população habita a área rural, a temporada de visitantes vem frequentemente acompanhada de grandes perdas pessoais e ambientais, o que leva a população a refletir sobre a necessidade de uma fiscalização severa, tanto nas cachoeiras quanto no controle de entrada e saída dos visitantes.

Além disso, sua reputação mística é conhecida internacionalmente. Acredita-se que São Thomé seja “um dos sete pontos energéticos da Terra” assim como Macchu Picchu onde, segundo as lendas, é possível chegar atravessando uma caverna de quartzitos encontrada na cidade mística ou, como atualmente os visitantes preferem chamar, *Montanha Mágica*.

Tal reputação atraiu em meados dos anos 1970 a construção de uma comunidade alternativa que buscava na região uma vida simples em contato com a natureza e suas misteriosas histórias contadas por gerações e que possui uma forte presença nos dias de hoje, podendo ser encontradas nas fachadas de estabelecimentos e hospedarias que estampam as imagens de duendes, fadas, gnomos e bruxas (figura 4).



Figura 4: Duendes na entrada da Pousada Arco Íris. Foto: Pousada Arco Íris.

Em muitas regiões do Brasil e mundo afora existem lendas locais que envolvem um rio, um morro ou montanha e que fazem deste bem natural algo muito além da configuração da paisagem. No deserto do Atacama, por exemplo, os *Atacameños* contam a história de *Likankabur*, o vulcão em formato cônico que fica em maior evidência na região de San Pedro de Atacama. Os povos nativos acreditavam que cada vulcão simbolizavam a passagem de um bravo guerreiro por aquela terra.

Ainda que para os céticos estas histórias sejam somente lendas, para uma comunidade ela se torna algo repleto de sentido, como uma entidade capaz de atrair riqueza, força e resiliência para seus fiéis – quando não, vem acompanhada de alguma moral (DAURIA, 2000). Uma história conhecida somente pelos antigos e passada por gerações conta que em São Thomé, anterior a indústria da pedra quando ainda era um arraial dependente do município de Baependi, existia uma área verde chamada Carinana onde a população se servia de água e onde habitava uma cobra que possuía uma crista. Diz a lenda que Carinana era uma moça de família rica que teria jogado seu filho no rio para a morte. Logo depois disso os moradores alegavam ter visto uma cobra no mesmo local, até o dia em que um missionário desceu até a fonte com um balaio, onde a cobra adentrou e então foi levada em frente à igreja, quando o missionário ordenou que fosse procurar sua mãe. A moça que pertencia a família nobre de fazendeiros se sentava na primeira fileira da

missa, reservada somente a pessoas de sua estirpe. A cobra então coloca sua boca no seio da mãe, se transformando novamente em criança - por três dias ela viveu, e com sua morte veio o desencanto do local.

Essa estória traz consigo uma moral moldada pela filosofia cristã: a moça de família rica descarta um filho que teria sido concebido fora do casamento, no entanto, “a mentira tem pernas curtas”, e a moça se vê obrigada a assumir seus pecados. Hoje, poucos nativos conhecem a estória de Carinana, mas os descendentes dos primeiros moradores do arraial relembram que no século passado uma cobra grande habitava a região da cachoeira da Garganta do Diabo.

É imprescindível pensarmos a paisagem natural enquanto fonte para o imaginário e a disseminação das lendas populares como a da cobra Carinana – percebemos que comumente estas lendas derivam de um objeto ou âmbito físico que possuem grande valor cultural e religioso para a comunidade local.

Os capítulos foram divididos da seguinte maneira: no capítulo 2, trouxemos uma breve contextualização do processo que se deu a primeira ocupação urbana através da mineração em São Thomé e em seguida do turismo, relacionando com a conjuntura nacional impressa em cada um destes períodos; Os capítulos 3 e 4 se encarregaram de trazer à tona problemas sociais e ambientais provenientes da mineração e do turismo; Já o capítulo 5 destinou-se aos resultados desta pesquisa, abordando as entrevistas realizadas e os impactos vivenciados pelos moradores, bem como a percepção de cada uma das lideranças.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho buscou analisar as transformações na organização espacial e geográfica, através de diferentes percepções impressas por representantes de diversas lideranças (religiosa, política, mineradora, turística, patrimonial e artística) sobre a paisagem que compõe a cidade de São Thomé das Letras; feito isso, o objetivo específico pretende identificar possíveis problemas em comum que a população enfrenta devido aos impactos causados por essas duas atividades em seu cotidiano – mineração e turismo.

METODOLOGIA

Para iniciarmos as discussões que o presente estudo de caso busca compreender foi realizada uma pesquisa bibliográfica afim de obter referenciais teóricos sobre a) o conceito de paisagem a partir de um viés cultural, b) um breve histórico da implementação do turismo no Brasil, c) O caminho percorrido pela inserção da atividade mineradora em Minas Gerais e em todo o país, identificando impactos ambientais e sociais em comum vivenciados na região de jazidas minerais, d) a inserção da religiosidade como referencial turístico na paisagem de São Thomé e e) a presença da arte e seu papel transformador no cotidiano dos moradores e no primeiro contato dos visitantes com a cidade.

Feito isso, a segunda etapa contou com a elaboração de um questionário contendo questões semiestruturadas que foi aplicado com 16 moradores com o objetivo de identificar os principais problemas que enfrentam, assim como propostas que eles podem levantar.

A terceira etapa deste trabalho contempla a pesquisa de campo onde foi utilizada a técnica da coleta de dados através das entrevistas empíricas com cada liderança em seus devidos âmbitos de trabalho – com exceção da recepcionista da pousada que está fechada, devido a pandemia.

Ao início da pesquisa e com a vivência pessoal adquirida quanto aos impactos sociais e ambientais advindos das duas atividades econômicas principais - mineração e turismo, tudo nos aponta que estas seriam atividade antagônicas, que não poderiam coexistir no mesmo espaço. No entanto, essa já é uma realidade vigente no cotidiano da comunidade, em que se levantou em seguida um problema: se a população já vivencia uma realidade onde as duas atividades estão presentes direta ou indiretamente no cotidiano delas, é possível se pensar em uma realidade onde ambas coexistam de forma benéfica? Por esse problema, guiou-se a escolha das lideranças de cada segmento para serem entrevistados.

As escolhas das perguntas para as entrevistas foram feitas de forma diretiva, com questões específicas sobre cada função que exercem, no entanto, uma pergunta em comum foi respondida por cada liderança: Seria possível as atividades mineradoras e turísticas conviverem entre si de forma benéfica? Tal pergunta procura refletir as experiências de cada um e a percepção individual sobre os problemas de São Thomé.

Para a interpretação dos resultados destas entrevistas foi utilizado as fundamentações teóricas da geografia Cultural e humanista. Já a pesquisa qualitativa que foi escolhida para a elaboração das entrevistas não se vê inserida na representação numérica, uma vez que trabalha com questões relativas a compreensão de um fenômeno ou espaço social vivido. Alguns pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo social, no entanto, é de extrema importância ao pesquisador entender que uma entrevista qualitativa deve se abster de preconceitos e crenças pessoais que podem contaminar a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34), assim como a generalização. Não obstante, o método utilizado é muito criticado pelo seu empirismo, pela subjetividade e o envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14), especialmente quando este já possui um envolvimento pessoal com o local de estudo. Diante disso, fez-se necessário algumas considerações para a elaboração das perguntas, a abordagem com que foram feitas e a escolha dos entrevistados – justificadas a partir de seu nível de influência em cada um dos segmentos escolhidos, sendo a maior parte nativos ou pessoas que assistiram ao processo de modernização na região, cada um possuindo sua percepção individual sobre a cidade e suas dinâmicas espaciais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Análise sobre o conceito de paisagem e seu avanço teórico no decorrer dos anos

O conceito de paisagem esteve sempre presente nos estudos geográficos, uma vez que a atividade humana junto a criação de símbolos são processos inerentes à caracterização da paisagem. Para compreendermos melhor estes conceitos e como se deu os avanços nas pesquisas sobre paisagem, foram utilizados como base teórica os estudos em geografia cultural realizados por Zeny Rosendahl e os conceitos de paisagem desenvolvidos por Paul Claval e Denis Cosgrove.

Sobre paisagem, podemos afirmar que corresponde a um termo traduzido do inglês *landscape* (Degreas, 1991) que se origina a partir de determinada parte de um território composto por uma infinidade de sistemas que se relacionam entre si a partir de uma lógica própria, tornando-se uma unidade. Dentro deste recorte de paisagem, notamos uma variedade de acontecimentos envolvendo a apropriação humana. Neste mesmo

sentido, Gonçalves (1998) adota a própria noção de paisagem como uma construção humana, de forma com que se torne impossível fazer uma leitura de paisagem sem um observador, no caso o homem.

Corrêa (2002) observou que antes dos anos 1960 poucos estudos eram feitos relacionando a dimensão cultural com o urbano: a geografia cultural preocupava-se em estudar os âmbitos rurais, com pouco enfoque nas cidades; enquanto a geografia urbana estava mais atrelada ao positivismo apontando problemáticas a partir de um ponto de vista morfológico. Com o crescente êxodo rural, o processo de industrialização e especialmente o da *gentrificação*, novas questões começaram a ser levantadas dentro das metrópoles brasileiras: a relação do homem com o espaço natural passa a ser encarada como palco de diversas formas de comunicação e leituras sociais. O exemplo mais vivido que podemos apontar é o *grafitti* e sua utilização enquanto instrumento de denúncia e resistência popular. Segundo os mesmos estudos elaborados por Corrêa (2002, p. 170): “Ao se considerarem as classes sociais como portadoras de culturas particulares, rompe-se com a pretensa homogeneidade cultural, de âmbito nacional, nos países industrializados”. A diversidade cultural ultrapassa todas as fronteiras raciais, étnicas, linguísticas ou religiosas e é justamente por isso que a discussão em torno da definição do conceito de cultura se torna tão complexa e atemporal uma vez que, segundo Cosgrove (1998), defini-la objetivamente é “negar sua subjetividade essencial”.

A interpretação de cultura não deve partir de um único ponto ontológico, a respeito disto a afirmação de Geertz (1989) é categórica:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos de modo causal os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1989, p. 24)

Em suas reflexões sobre a geografia cultural no Brasil, Claval (1999) percebeu que entre os anos 1930 e 1960 o país preocupava-se com as diversas regionalidades, reconhecendo os seus biomas e como estes constituem a paisagem, no entanto, nenhum estudo sobre a geografia cultural teria se aprofundado até então. A geografia brasileira em si já refletia questões que envolviam a interferência da cultura na paisagem, mas isto ainda não era colocado em posição central. O autor sugere quatro temas para os geógrafos brasileiros discutirem e refletirem: a) culturas passadas e problemas de

conservação do Patrimônio; b) O corpo e o sentido como elementos geográficos; c) Cultura e os modos de comunicação modernos e d) culturas e globalização. Para nosso presente estudo, as discussões acerca da globalização e seus efeitos na dimensão cultural brasileira são pertinentes e cabíveis.

Por todo o mundo a época está marcada pelo rápido avanço da globalização; ela se faz presente também no Brasil, pela generalização da urbanização e pela persistência de formas de exploração de recursos naturais muitas vezes brutais.
(CLAVAL, 1999, p. 7 e 8).

Para a realização desta pesquisa, levamos em consideração alguns levantamentos apontados nos estudos sobre a geografia cultural e humana de Cosgrove (1998).

Na concepção do autor, a paisagem é uma “maneira de ver” o espaço e suas múltiplas relações, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em um único recorte. Desta forma, assume-se a complexidade do conceito de paisagem, entretanto o autor ressalta três implicações: 1) o foco nas formas visíveis do mundo como sua composição e estrutura; 2) unidade, coerência e ordem na concepção racional do meio ambiente; 3) a ideia de intervenção humana e das forças que modelam e remodelam nosso mundo. (Cosgrove, 1998).

Diante disso, ele também desenvolveu o conceito de paisagem da cultura dominante, que colaborou para a leitura da paisagem neste estudo de caso, uma vez que estabelece as relações de *status* e hegemonia entre determinados grupos. É possível que mais de um grupo determine seu poder na mesma sociedade, como são o catolicismo e o paganismo em São Thomé das Letras e no exemplo dado pelo próprio autor:

Uma sociedade pode incluir culturas tão radicalmente diferentes que parecem incompatíveis, como as culturas católica e protestante na Irlanda do Norte. Aqui, o poder é contestado entre grupos de força relativamente iguais, reproduzindo suas culturas num alto nível de consciência. (COSGROVE, 1998, p. 226)

A relação de poder está impressa na reprodução cultural e se faz ainda mais eficaz quando é menos visível, quando algumas suposições de uma cultura dominante aparecem na mesma lógica do senso comum. A isso, dá-se o nome de *hegemonia cultural*, que muitas vezes se vê absorvida até pela cultura alternativa.

O que temos conhecimento sobre paisagem é que ela é resultado de diversas dinâmicas e ações humanas no decorrer do tempo, porém o autor revela como a geografia humana

muitas vezes desconsidera as motivações humanas que levam a tais ações – motivações religiosas, morais, patrióticas, sexuais que também devem ser consideradas além daquelas práticas e que serão nossos pilares para a interpretação das entrevistas.

Todos sabemos quão fundamentalmente essas motivações influenciam nosso próprio comportamento diário, quanto elas informam nossas respostas a lugares e cenas, incluindo o shopping center. Contudo, na geografia humana, parecemos intencionalmente ignorá-las ou negá-las, recusando-nos a explorar como tais paixões encontram expressões no mundo que criamos e transformamos. (COSGROVE, 1998. p. 222)

2. HISTÓRIA DE SÃO THOMÉ: DA MINERAÇÃO AO TURISMO

A paisagem pode ser definida como um recorte temporal cultural de um determinado espaço e que se modifica de acordo com as ações humanas durante o tempo. Desta forma, podemos afirmar que o estudo de uma paisagem deve partir de uma premissa materialista-histórica, tornando impossível fazer-se uma leitura de paisagem sem considerar o contexto histórico e este sistema de ações inerente a este processo, uma vez que são responsáveis tanto pela elaboração de novos símbolos e a ressignificação de outros quanto pela preservação da memória coletiva.

No caso de São Thomé das Letras, essa leitura de paisagem pode ser feita através da forma com que se deu a ocupação urbana no município – determinado pela sua geologia e geomorfologia atípicas que originaram o quartzito, rocha de grande valor comercial, além da possível leitura captada através da história de seu nome e origem. São Thomé é um exemplo de cidade outrora pacata que viu crescer seu perímetro urbano com a chegada do turismo, processo parecido pelo qual vivenciou a cidade de Brotas, no interior de São Paulo, hoje um polo de ecoturismo e turismo de aventura.

A lenda mais conhecida sobre a descoberta da região conta que um escravizado chamado João Antão teria fugido de uma fazenda e encontrado refúgio em uma caverna, onde avistou um homem repleto de luz que se dizia ser São Thomé. O Lugar então ficou conhecido como um lugar sagrado e devido ao “milagre de São Tomé” foi construída a igreja ao lado da gruta, iniciando o novo povoado com o nome São Thomé das Letras - por conta do milagre do santo e das pinturas rupestres encontradas na caverna -até então não identificadas e chamadas de “letras” pela população local (figura 5).

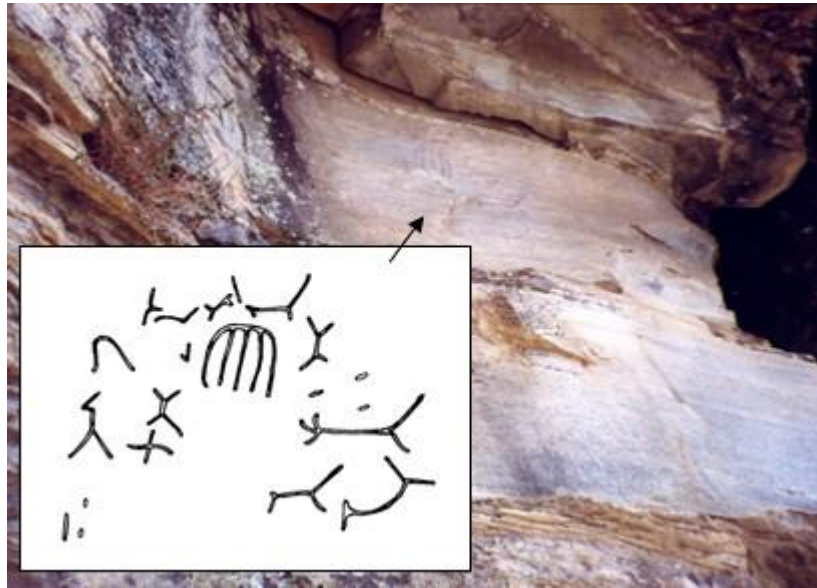


Figura 5: localização das inscrições rupestres encontradas na gruta, apagadas pelo tempo.

Fonte: J.A. Gonçalves.

Esta é a história extraída de narrativas cotidianas e apresentada pelos guias turísticos, no entanto o acontecimento histórico devidamente registrado como o início do povoamento de São Thomé das Letras é marcado pela expansão da atividade mineradora na década de 30 quando empresários enxergaram na rocha de origem da região, um forte potencial econômico.

De fato, a organização do trabalho nas pedreiras naquela época é bem diferente da atual: o uso de utensílios rudimentares e manuais na extração da rocha foi substituído gradualmente pelos maquinários, pela dinamite e a perfuratriz, responsável pelo aumento da produção e exportação desse recurso – e consequentemente de intervenções mais intensas na configuração da paisagem.

Em meados da década de 70 enquanto o mundo contemplava-se com o avanço e a chegada de novas tecnologias, a região da Serra de São Thomé não foi inerente a este processo. A instalação das redes elétricas simbolizou um novo momento para o município, que agora contava com a chegada de novos grupos de exploradores e pesquisadores atraídos especialmente pela geomorfologia e pelo material rupestre encontrados na região.

Um segundo momento importante para a transformação da paisagem e que ocorreu na mesma época, foi quando os representantes do movimento hippie decidiram tirar a prova

os rumores sobre uma cidade de pedra localizada no alto de uma serra em Minas Gerais, trazendo consigo uma paisagem cultural alternativa que alavancaria a atividade turística no município, tornando-o palco de diversas organizações religiosas. No entanto, a importância da oralidade na constituição do padrão cultural regional percorre um período de tempo em que a principal forma de manter viva uma história – seja ela verdadeira ou não estava na “boca a boca”. O que para muitos era visto como sinônimo de atraso, D’auria (1998) percebeu que esse trazia consigo uma nova perspectiva sobre paisagem responsável pela configuração da identidade local.

Esse distanciamento do padrão cultural dominante, possibilitou a preservação de uma visão de mundo e de um tipo de vida ainda em muito marcados por antigas tradições, expressada principalmente pela oralidade e por várias formas de manifestação, que sempre pontuadas por um tom de misticismo, constituem importante fator da identidade cultural local. (D’ÁURIA, 1998, p. 12)

Sobre a cultura, Willians (1973) atenta-nos que esta não pode ser concebida como mero reflexo das condições materiais de existência, ou “uma superestrutura determinada por sua base econômica”. Os artifícios envoltos pelo conceito de cultura estão nas formas visíveis e não visíveis, no plano material, mas também no espiritual. Enquanto seres humanos, atribuímos significados a eventos que se diferenciam no significado que este mesmo tem para outras espécies, sendo os eventos de vida e morte os mais significativos neste processo simbólico; perguntas como o que é o pós vida – e se realmente há, são questionamentos puramente humanos que se concretizam através de diferentes rituais mundo afora. Para Mitchell (2000, p. 45) a cultura constitui parte ativa e integral das condições sociais de existência, ou seja, ela é reflexo, medição e ao mesmo tempo condição social não podendo ser dissociadas uma das outras neste processo. Desta forma, podemos afirmar que as reflexões e condições humanas são parte inerente do processo simbólico e que este é ativo e em constante mudança, uma vez que as ações, condições e reflexões de caráter humano assim o são.

Se não fosse esse conjunto de eventos humanos interligados pelas perguntas “de onde viemos? ” “Para onde vamos? ” “Existem outros seres conscientes além de nós? ” Com certeza a atmosfera que paira sobre a cidade de São Thomé das Letras não faria sentido, assim como o ato de se locomover a serviço do entretenimento (turismo), e não por necessidades fisiológicas, como os movimentos migratórios.

Este capítulo será o nosso orientador para tratarmos da paisagem em São Thomé das Letras que temos hoje não como um fenômeno isolado, somente. A partir de uma contextualização histórica e de ocupação em âmbito local e Estadual, poderemos entender os processos vivenciados nas regiões de estâncias mineradoras e turísticas, anexado a conjuntura nacional a partir dos anos 1970.

2.1. A exploração mineral no Estado de Minas Gerais

O Brasil está entre os países do mundo que mais produzem e exportam rochas ornamentais, com uma produção que chega a seis milhões de toneladas por ano e exportação de um milhão. Mais de 11 mil empresas extratoras rendem cerca de 3 bilhões em um ano, sendo 80% dessas estâncias localizadas em Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro, colocando o país na posição de maior potência mineradora da América Latina. O início das descobertas de minerais preciosos e semipreciosos em Minas data do século XVIII e seu ápice foi entre 1750 e 1770.

A mão de obra escravizada vinda de diversos países do continente Africano foi a principal responsável pelo desdobramento da atividade mineradora: pouco se sabia sobre as técnicas que os negros usavam nas frentes de lavras, através do conhecimento que adquiriram com os povos árabes. A decadência do ciclo do ouro no século XIX fez com que muitos mineradores migrassem para as fronteiras agrícolas do café.

2.2. O quartzito e suas propriedades além da construção civil

Em meados de 1940, inaugura-se a indústria da pedra em São Thomé das Letras, inserida no contexto do Estado Novo liderado por Getúlio Vargas. Este processo acarretou na abertura de estradas, no investimento de maquinários e equipamentos e a construção de um paiol feito de pedras onde ficavam armazenados esses equipamentos. A rocha de origem da região, o quartzito sericítico, é um material cujas propriedades são ricas em sílica e vendidas usualmente em formato de filetes para decoração de fachadas de casa ou no formato que os trabalhadores da mineração chamam de *pedrão* e que constitui o calçamento feito ao redor de piscinas. De fato, a rocha de origem da região está presente em diversos elementos do cotidiano dos moradores e também dos turistas,

fascinados com a utilização desse material para artesanatos – as miniaturas de casas de pedra são a marca registrada da cidade (Figura 6).



Figura 6: Feira de casinhas de pedra artesanais. Fonte: mapio.net

Diante tamanhas discordâncias entre culturas advindas destas duas atividades econômicas principais, o debate sobre o futuro do município é longo e problemático: ainda que a mineração tenha sido o principal pilar para consolidação de São Thomé enquanto município, ela se torna antagônica a segunda atividade mais lucrativa da região – o turismo, que também aponta provas concretas de sua capacidade destrutiva quando não regularizada e fiscalizada corretamente.

Ainda assim, a mineração se sobressai entre as atividades econômicas responsáveis pelo sustento de muitas famílias: entre os anos 60 e 80 o investimento em indústria pesada decolou – especialmente com a era desenvolvimentista promovida pelo regime militar, isso porquê necessitava-se atender ao mercado e a demanda externos, o que consequentemente aumentou o fluxo de caminhões que escoam toda a produção do quartzito para outras regiões, produção esta que não deixou de crescer mesmo diante da ascensão do turismo no Brasil.

Além disso, até o ano de 1962 firmava-se o contrato entre a Paróquia e a empresa Salles Andrade, principal extratora da região na época, de forma que o arrendo das propriedades onde se localizavam as frentes de lavras eram destinadas a igreja.

Neste mesmo ano, a cidade foi emancipada, gerando uma tensão entre o prefeito da época, José Cristiano Alves e a casa Paroquial, tendo em vista que muitos terrenos doados pela prefeitura eram propriedade da igreja católica.

Muitos se perguntam sobre o papel dos moradores na detenção destes impactos, porém, em seus estudos etnográficos, D'auria (1998) percebeu que o modo de vida dessa população sempre esteve envolto, direta ou indiretamente pela mineração.

Mais de dois séculos nos separam do início da utilização das rochas pelos homens, algumas décadas da inserção de tecnologia moderna no método de lavra e somente alguns anos do reconhecimento da insustentabilidade ambiental gerada pelo processo de exploração extensiva da jazida. Entretanto, em relação à sobrevivência da população, um grande problema social se anunciou ante a primeira intervenção por parte dos órgãos públicos. É grande o número de famílias que depende exclusivamente da exploração da jazida. (D'AURIA, 1998, p. 26)

Ainda que a população reconheça estes impactos, a necessidade de uma atividade econômica consolidada se sobressai a questões ambientais. Desta forma, a mineração ganha maior espaço, até os dias de hoje, como a atividade responsável por colocar comida no prato da maioria das famílias letrenses.

2.3. O turismo no Brasil nos anos 1970

O turismo como concebido nos dias atuais é um fenômeno do século XX, e começa a se consolidar nos anos 1950 com a expansão dos meios de transporte, o investimento em novos meios de comunicação, o crescimento das cidades e da ascensão da classe média como foi observado por Solha (2002). Neste mesmo período, as capitais como Belo Horizonte e Salvador criam seus primeiros órgãos de regulação da atividade, dando forma aos primeiros indícios de uma ação ampla, mas que frisava o destino turístico somente nas grandes capitais. Conforme Barretto (1991, pg. 56) no Brasil, “o turismo surgiu vinculado ao lazer; nunca teve cunho de aventura ou educativo, como na Europa. A partir de 1950, grandes contingentes passam a viajar, mas, apesar de ser considerado um turismo de massa, nunca atingiu o total da população”. A exploração de apenas alguns elementos turísticos nacionais, especialmente em meados dos anos 1970 não é um processo do acaso, mas sim derivado de interesses por parte desses países e da soberania nacional: o Brasil vivia o período do “milagre econômico” em que a economia

deslanchava. Mesmo diante dos avanços e da criação de órgãos direcionados ao turismo como a EMBRATUR, paralelamente, o país também vivenciava um período de ditadura marcado por torturas e perseguição política enquanto a imagem divulgada do Brasil no exterior focava somente no Rio de Janeiro, no samba e no turismo sexual. Por outro lado, durante este período do Governo Médici (1969-1974), o Brasil reconheceu definitivamente o turismo como atividade promissora para o desenvolvimento econômico, com a inauguração do curso de turismo nas universidades anos depois e o reconhecimento da importância dos patrimônios nacionais. Nas recomendações de Nairóbi, 26 de novembro de 1976, é rechaçada a importância de atrelar o patrimônio ao sentimento de pertencimento coletivo pela comunidade, considerando:

19a Sessão Unesco – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea: considerando que os conjuntos históricos tradicionais fazem parte do passado que lhes deu forma, asseguram ao quadro da vida a variedade necessária para responder à diversidade da sociedade e, por isso, adquirem um valor e uma dimensão humana suplementares. (UNESCO, 1976).

O patrimônio deixa, então, de ter somente um valor estético, mas a valoração de um elemento que remonta o cotidiano dessa sociedade a partir de um conjunto histórico que traz em sua bagagem o sentimento de reconhecimento.

A medida que o regime militar somava forças, muitas mudanças ocorriam em São Thomé das Letras com a chegada da energia elétrica e água encanada. Junto a esta mesma esteira, as famílias começam a se aproximar dos meios de comunicação que por sua vez trazem diferentes referências de cultura e consumo.

Na mesma década o turismo começa a despontar como alternativa econômica devido ao investimento em abertura de estradas e a preocupação em dar uma nova funcionalidade para as estruturas já presentes na cidade, atendendo as necessidades da nova atividade. Com esse novo investimento em infraestrutura e a chegada de materiais para construção civil começa também o processo de descaracterização da arquitetura local – a mudança das construções feitas com a rocha local para as construções de alvenaria está inserida dentro da lógica capitalista de padronização destes espaços.

2.4. Breve histórico de criação do IPHAN e o reconhecimento dos patrimônios de São Thomé

Criado em meados dos anos 1930, o IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ou, ainda na época SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), surgiu com o objetivo de preservação dos bens materiais e imateriais do Brasil, portadores de referência à identidade, ação e à memória.

Até então, os sítios históricos tombados se resumiam a arquitetura barroca e colonial, presentes em Salvador e principalmente em Minas Gerais – Dos 9 sítios históricos hoje delimitados no país, 3 estão no Estado, sendo eles: A cidade de Ouro Preto, Centro histórico de Diamantina e Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo. A partir dos anos 1960 com a necessidade de um turismo solidificado que diferentes edificações, festividades e diversidades linguísticas começam a ser inventariados enquanto patrimônio cultural, que será finalmente aclamado em 1980 como patrimônio da humanidade pela UNESCO.

O órgão responsável pela inventariação, divulgação e preservação de patrimônios no Estado é o IEPHA – MG (Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), enquanto em São Thomé das Letras temos o COMPHAST (Conselho Municipal de Patrimônio histórico e artístico de São Thomé das Letras) que trata, além das três ações citadas acima, da distribuição da renda direcionada a manutenção e restauração dos tombamentos. Entre os bens arquitetônicos inventariados, estão a Capela de Nossa Senhora do Rosário (Figura 7), construída pedra sobre pedra seca pelos escravos que eram impedidos de frequentar a missa na Igreja Matriz – por sua vez finalizada em 1785 e tombada em decreto de 24 de abril de 1996 junto ao centro histórico de São Thomé.



Figura 7: Praça da Igreja do Rosário. Fonte: ipatrimonio.org

A arquitetura atípica e tradicional de São Thomé das Letras é composta por edificações do período colonial, erguidas sob a colocação de rochas quartzíticas empilhadas, sem nenhum cimento ou outro material para “colar” essas rochas: apenas o peso de uma sobre a outra que mantem firmes edificações (figura 8).



Figura 8: edificação do período colonial em quartzito, hoje serve como estabelecimento comercial.

Fonte: Blog História e viagem.

Segundo Bonnemaïson (1981) “O espaço assume uma dimensão simbólica e cultural onde se enraízam seus valores e através do qual se firma sua identidade”, em São Thomé das Letras a formação de sua identidade cultural está envolta pela sua rocha de origem, uma vez que o valor dessas rochas não se limita a produção escoada para fins ornamentais, mas principalmente no valor arquitetônico tradicional por casas construídas com este material. Na presente pesquisa procuramos levantar algumas celebrações que fazem parte do patrimônio imaterial letrense como as comemorações e festas tradicionais católicas - a Folia de Reis, a encenação da Paixão de Cristo e a Festa de São João Da Rua de cima que ocorrem desde o início da ocupação urbana, com exceção da festa de São João que é tradicionalmente festejada há pouco mais de trinta anos (figura 10).



Figura 10: Bandeira de folia em encontro anual de Folias de Reis, 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.

Além das festividades cristãs, a cidade sedia encontros anuais da comunidade *wicca*, representando a paisagem cultural alternativa do lugar. Ainda que essas culturas não estejam em conflito direto, o processo com que se deu a modernização trouxe consigo a ressignificação de símbolos e festas religiosas: por exemplo, a Festa de Agosto anteriormente conhecida como “Festa da colheita” era realizada pela igreja, que depois passou a ser financiada pela prefeitura e hoje está nas mãos de empresas privadas de outras cidades do sul de Minas que lucram com shows de grande porte na cidade. É fato consumado que a igreja católica enquanto cultura dominante estabeleça seu território de influência – neste caso, o centro histórico de São Thomé, porém a existência de diferentes vertentes religiosas na cidade - como o Santo Daime, a Sociedade Eubiose, a Cidade das estrelas e a Fundação Harmonia claramente mudaram a relação da população com a igreja e a configuração da paisagem, tanto rural quanto urbana. Esse encontro da paisagem cultural dominante com a alternativa representam um quadro peculiar que há muitas décadas atraem pessoas que querem exercer sua fé sem medo de perseguições ou julgamentos, porém, o mais recente perfil de turistas que visitam a cidade em feriados santos tem preocupado os componentes da casa paroquial, assim como a ressignificação das festas religiosas.

"A cada ano que passa a Semana Santa vem sendo prejudicada pelo fluxo excessivo de turistas. Nestes dias a cidade vive em função deles. Este ano

tivemos a partir da feira santa a presença de aproximadamente 4 mil turistas. A cada ano que passa a invasão é maior. A participação das pessoas foi pouquíssima. Se a paróquia não pensar seriamente na antecipação desta festa religiosa, ela corre o risco de acabar" (Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Thomé das Letras. cit. pg. 29. Transcrito como no original.)

O fascínio da população local pelo místico, pelas simpatias e pelos contos ultrapassaram o processo secular da modernização para perpetuar até os dias de hoje, onde muitos ainda creem no poder das benzedadeiras e das parteiras – até pouco mais de vinte anos a cidade não possuía um centro de parto normal, todas as crianças nascidas naquela época eram concebidas em casa ou em cidades vizinhas, no caso de cesáreas.

Percebemos que desde o início, São Thomé ficou conhecida por suas figuras sagradas e “milagres” vivenciados, colaborando com a consumação de sua identidade cultural através da fé. Foi justamente esta identidade que atraiu em meados dos anos 30 os primeiros visitantes que integravam a Sociedade Brasileira de Eubiose.

2.5. São Thomé das Letras e o encontro com o sagrado

Para compreendermos a atração que existe entre São Thomé das Letras e o misticismo, é necessário obtermos conhecimento das histórias e energias que a rodeiam.

Muitos astrólogos acreditam que a região seja um dos pontos energéticos da terra, como as ruínas de Macchu Picchu também o são. Em uma dessas lendas, destaca-se a figura de Chico Taquara, um curandeiro que tinha o dom de se comunicar com os animais.

Reza a lenda que a Gruta do Carimbado situada na região de São Thomé possuía uma conexão que findava até Macchu Picchu, e que o curandeiro teria chegado ao outro lado.

O fato de uma equipe de espeleólogos terem ido ao local sem sucesso em completar o percurso – devido à falta de oxigenação, fomentou ainda mais a lenda de Chico Taquara.

A história oral narrada pelos antigos também é registrada no livro “São Thomé das Letras e O mundo subterrâneo”, escrito por Oriental Luiz Noronha (popularmente conhecido como “Tatá”, nativo e ufólogo que dedicou a vida a tais estudos).

A órbita mística que circula sobre a cidade preparou o terreno para que grupos e organizações religiosas despertassem o interesse em se fixar sobre a Serra, sendo a Sociedade Brasileira de Eubiose a pioneira dessa procura.

Até hoje conhecida pela forma prematura com que se estabeleceu na região, a SBE trouxe os primeiros eventos religiosos que atraíram essa sociedade alternativa para inaugurar, após décadas de extração mineral e atividades agrícolas, a oportunidade de um novo olhar sobre a paisagem natural local.

A sociedade espiritualista Eubiose foi fundada em 1921 em São Lourenço - MG, com dogmas que se assemelham as religiões orientais. Seus fundadores encontraram em São Thomé das Letras o lugar ideal para praticar de forma plena o seu modo de vida.

“Eubiose é viver em perfeita harmonia com as leis universais. Em outras palavras, é a ciência da vida, a sabedoria iniciativa das idades. É vivenciar um conjunto de conhecimentos, cujo objetivo primordial é congregar, construir e religar integralmente as dimensões do sagrado, profano, divino e humano.” [Trecho extraído da página da SBE].

A cultura é um importante artifício de transformação social, uma vez que pode ser utilizada pela classe dominante para exercer sua hegemonia cultural, por isso ela deve ser pensada como elemento essencial para o entendimento do espaço geográfico.

A descoberta de São Thomé enquanto lugar espiritual influenciou inúmeros grupos guiados pela promessa de uma vivência harmoniosa com a natureza e a possibilidade de investirem no turismo místico, a migrarem para a cidade. Assim, temos a partir daqui uma nova classificação de paisagem muito diferente daquela moldada pela mineração.

Ainda que as formas mais recentes sejam as mais importantes na tomada das decisões sociais, elas refletem no presente e em momentos passados da história, unificados através deste símbolo ou forma.

Rosendahl (2002), em sua análise sobre espaço, cultura e religião divide as etapas do processo simbólico da seguinte maneira: etapa 1 – figura ou forma receptora do simbólico; etapa 2 – acontecimento simbólico e etapa 3 – unificação de 1 e 2 ou *consumação simbólica*. É possível percebermos este processo na criação do sagrado simbólico de São Thomé das Letras a partir da lenda de seu descobrimento, quando a imagem talhada em madeira do apóstolo Tomé (etapa 1) é encontrada na Gruta, após muitas tentativas do Barão em leva-la para a capela, ela reaparecia no local onde foi encontrada (etapa 2). A aparição do objeto e o milagre com que se deu este - ao menos para os fiéis, crível contato com o santo é consumado pela etapa 3 no processo simbólico: objeto e ação. A autora se atenta ao fato de que os lugares sagrados só podem ser assim considerados mediante a atuação humana enquanto transformadora.

Os lugares sagrados não são somente uma série de dados acumulados, mas envolvem também experiências humanas. Não devemos nos deter em descrever os bens simbólicos que existem nos lugares, mas saber o que esses bens significam para os seus usuários. (ROSENDAHL, 2002, p. 182)

2.6. A presença artística na configuração do turismo em São Thomé das Letras

A partir de inúmeros exemplos práticos pelo mundo afora concordamos que a arte é consentânea enquanto instrumento de transformação e humanização, e demonstra isso nas mais diferentes esferas, seja política, ambiental ou simplesmente de entretenimento. Podemos dizer que no caso de São Thomé, a arte se faz presente em todas elas, porém ainda mais valorizada no âmbito turístico; todo viajante que já passou pela cidade guarda na memória ou nas estantes de sua própria casa um artesanato local, muito difundido pelas imagens de seres místicos (bruxas, duendes, fadas, etc.).

Além do artesanato, a musicalidade também é um artifício importante na caracterização da paisagem local, pois ajuda a produzir e estimular no visitante o sentimento de nostalgia quando este se despede da pacata cidade na Serra da Mantiqueira para voltar a sua rotina nas grandes cidades. A música assim como a história oral, não é um instrumento palpável, sendo justamente por isso de fácil disseminação entre diversos grupos.

Alguns coletivos de artistas de São Thomé das Letras reforçam a história da cidade através de suas canções, como é o caso do Coletivo Reggae *Candeia* - nome de uma árvore nativa do cerrado e encontrada em abundância na região.

O grupo compõe letras que falam sobre os benefícios da agricultura familiar e orgânica, da preservação da natureza e da história da cidade:

*“...e então fez-se uma pequena caravana
para conhecer a gruta que tu usavas de cabana,
e chegando por lá logo avistaram
Inscrições na parede de pedra
E uma imagem de São Tomé talhada em madeira
Em seu esplendor de prata, do seu pé jorrava fonte
de sabedoria...”*

(Música: Caravana Composição: Tupac Chamorro)

3. OS IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS ADVINDOS DA MINERAÇÃO

O Estado de Minas Gerais atualmente é responsável pela maior extração e produção de minerais quartzitos, sendo São Thomé das Letras o local mais expressivo dessa atividade, seguido por Alpinópolis, Ouro Preto e Diamantina (FERNANDES Et. al., 2003), o que nos ajuda a compreender a utilização do termo genérico para a rocha, popularmente conhecida como “Pedra São Thomé” e que pode ser identificada em três cores principais: a amarela, a branca e a rosada. Atualmente, estima-se que a produção Estadual do quartzito seja de aproximadamente 220 mil t/ano, e que as diversas empresas produtoras desse mineral tenham investido o montante de aproximadamente 20.000.000,00 nas diversas etapas do processo de lavra (CHIODI FILHO, 1997).

A origem do processo de extração do quartzito se iniciou com os nativos que a retiravam apenas para construção de suas casas ou quando alguma cidade vizinha encomendava. Naquele período não havia a regulamentação da atividade mineradora local, de forma que o valor do quartzito era medido por seu valor de uso a partir de produção familiar e autônoma de baixo impacto – os instrumentos e técnica utilizados eram rudimentares, de forma que se retirava apenas a camada superficial da rocha. Anos depois, as empresas Sales Andrade e Jesiel Siqueira Luz se instalam na região e começam o processo de industrialização da pedra que anexou o quartzito a rota do mercado internacional resultando em uma nova dinâmica de trabalho e, conseqüentemente, nas novas relações com o espaço.

O espaço transformado em força produtiva, subordinado à lógica da mercadoria, transformado ele mesmo em uma mercadoria, onde o valor de troca e as relações de consumo subordinam as formas e os conteúdos do valor de uso que são gerados pela dinâmica da vida cotidiana, um espaço passível de ser fragmentado, homogeneizado, hierarquizado, um espaço alienado e fonte de alienação (COSTA CARDOSO, 2011, p.5).

O método de extração utilizado pelas empresas era diferente daqueles conhecidos pela produção familiar, as lavras que atualmente fazem uso de explosivos possuem uma capacidade muito pequena de recuperação que é inferior a 15%, ocasionando em diversos impactos ambientais resultados das pilhas de rejeitos deste material.

O reconhecimento dos bens minerais e naturais do Brasil como produtos passíveis de serem *commoditizados*, assim como o processo de desindustrialização dos países

capitalistas periféricos trouxeram uma nova dinâmica marcada pela mão de obra barata para a extração destes recursos naturais não renováveis. A produção do quartzito em São Thomé das Letras acompanhou tal processo, atendendo especialmente a demanda do mercado externo.

O centro produtor de quartzitos de São Thomé se localizam em sentido SW – NE e constituem as porções mais elevadas, recobrando parte do território das cidades de Conceição do Rio Verde, São Thomé das Letras e Luminárias. A transformação da força produtiva levou a região a um modo de vida simples e também precário, com presença da mão de obra infantil nas frentes de lavras que perdurou por muitos anos. Em meados de 1960 a atividade cresceu e passou a ser a maior fonte de renda da cidade, que antes se dividia entre pequenos agricultores.

O crescimento na produção e extração do quartzito foi altamente expressiva a partir dos anos 1990, ao contrário de muitos núcleos de produção de rochas graníticas puras pelo Brasil que obtiveram quedas nas últimas décadas, o quartzito apresenta as maiores taxas de competitividade no que diz respeito as rochas brasileiras comercializadas no exterior. Foi em 1993 que a FEMA (Fundação Estadual do Meio Ambiente) começa as fiscalizações a partir de orientações para os mineradores. Essas ações tomadas acarretaram em 1998 a ancoragem do município ao projeto Minas Ambiente, que por sua vez possuía convênio com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Conselho de Desenvolvimento de Energia Nuclear (CDTN), a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e a Sociedade Alemã de Cooperação Técnica (GTZ). Desde então, muitos estudos sistemáticos vêm sendo realizados para adequação da lavra e reaproveitamento dos rejeitos (CHIODI, 2003).

Em 1999 é criada a Associação das Empresas Mineradoras, Beneficiadoras e de comércio de Quartzitos da Região de São Thomé (AMIST), cujo objetivo principal é de articular junto a população e ao poder público acerca da atividade mineradora. Com a produção crescente e muitos Estados brasileiros almejando as propriedades do quartzito, a exportação também aumentou, o que levou a necessidade de um meio de transporte que pudesse escoar toda produção possível. Os caminhões de pedra que entram e saem carregados da cidade até os dias de hoje fazem parte dos impactos advindos da mineração: por seu peso ultrapassar toneladas, acabam destruindo a estrada, além dos

patrimônios tombados que são negligenciados pelas explosões e o tráfego de caminhões de carga (FLEICSCHER, 2006).

Segundo os operários das mineradoras, o aproveitamento total não ultrapassa os 40% (FLEISCSHER, 2006). Ou seja, temos aqui mais da metade do que é explorado se transformando em pilhas de rejeitos que não somente são responsáveis pela poluição visual, mas que acarretam no assoreamento de resíduos e em problemas de saúde relacionado à silicose, ou Doença Cardiopulmonar crônica (DPOC), mais frequentemente encontrada em homens (65% segundo dados do Ministério da Saúde) que trabalham na mineração do quartzito, material rico em minúsculas partículas de sílica. Em trabalhadores expostos à poeira de sílica e/ou trabalhadores silicóticos, o *cor pulmonale* deverá ser considerado como doença relacionada ao trabalho, do Grupo I da Classificação de Schilling (Ministério da Saúde do Brasil, 2001).

Os empresários das mineradoras alegam que o risco de silicose não pode ser considerado um caso generalizado, e que algumas medidas são tomadas para que isso não ocorra – com a perfuratriz, o operário não necessita de aproximação com a área a ser implodida, o uso de máscara é obrigatório e um caminhão pipa acompanha as explosões para impedir que a sílica suba, agindo nas vias respiratórias dos extratores.

Origina-se também com o acúmulo dos rejeitos e das frentes de lavras que foram desativadas, áreas profundamente implodidas onde a água parada da chuva se acumula, formando largos poços que, ao alcance dos olhos dos visitantes constituem belas paisagens (figura 11).



Figura 11: Poço Secreto em São Thomé das Letras. Foto: Tainah Batista

Estes poços não estão em roteiros turísticos principalmente por se tratar de áreas privadas onde as pedras são lavadas, colocando em risco a saúde daqueles que se atrevem a nadar em suas águas ricas em metais pesados. Ainda assim, essa afirmação é ignorada e lugares como o Poço Secreto continuam recebendo visitantes em todos os feriados devido à falta de fiscalização.

Atualmente muitos membros da comunidade denunciam a existência de lavras ilegais e não regulamentadas: as explosões geradas pelas dinamites, possíveis de serem ouvidas e sentidas, possuíam horário e dia fixos de ocorrência. Hoje, mesmo durante a noite e aos finais de semana é possível sentir os tremores, o que indica que há ações ilegais sendo realizadas nas frentes de lavras. A população também teme pela depredação de seus ecossistemas fragilizados – sendo a maior área de cerrado e de solo raso e arenoso, e em como sua perda está afetando o acesso a água nos bairros rurais como o Cantagalo, além de muitas áreas desmatadas apresentarem alto grau de dificuldade para trabalhos de recuperação e a fauna ameaçada. Diante disso, se torna absolutamente necessário os estudos sobre impactos ambientais na região, uma vez que são poucos estes estudos (AGÊNCIA AMBIENTAL PICK-UPAU, 2011).

Grande parte da população possui conhecimento sobre os impactos causados pelas pedreiras, no entanto a dependência econômica das jazidas é altamente expressiva e isso se reafirmou durante o atual período de pandemia, quando a cidade decretou o *lockdown*, proibindo a entrada de não nativos em São Thomé das Letras e Sobradinho e consequentemente a paralisação da atividade turística na região. Durante o período pandêmico muitas famílias que possuem casas de veraneio na cidade voltaram ao trabalho braçal nas mineradoras, que tiveram sua produção redobrada.

Ao início desta pesquisa, não se acreditava na dimensão territorial que as empresas de extração possuíam sobre a região, mas um fator muito importante para entender essa dinâmica de poder é perceber que a maioria destas empresas de extração não são locais. Com a inserção de novos aparatos tecnológicos resultados do período do regime militar, muitos produtores locais que não possuíam capital para investir nestes aparatos ficaram para trás. Com a corrida pela mineração já ganha pelos grandes empresários desde a década de 70, muitos destes produtores locais se viram obrigados a venderem seus terrenos e jazidas.

Observa-se ainda que os benefícios adquiridos com as lavras de quartzito São Tomé são feitos em sua maior parte nos municípios vizinhos que se encontram no circuito da produção e extração da rocha. São elas: as cidades de Três Corações, Cruzília, Baependi, e Luminárias, de modo que o Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) é revertido em maior parte para esses municípios, de onde são retiradas as notas fiscais do produto (FEAM, 2009). Podemos perceber através da seguinte tabela que, apesar da maior parte da produção vir de São Thomé das Letras, os municípios de Luminárias e Três Corações sempre estão à frente no índice de desenvolvimento humano municipal (tabela 1).

Localidades	IDH-M 1991	IDH-M 2000	IDH-E 1991	IDH-E 2000	IDH-L 1991	IDH-L 2000	IDH-R 1991	IDH-R 2000
Brasil	0,696	0,766	0,745	0,849	0,662	0,727	0,942	0,723
Minas Gerais	0,697	0,773	0,751	0,850	0,689	0,759	0,652	0,711
São Thomé das Letras	0,601	0,717	0,608	0,778	0,664	0,724	0,532	0,650
Três Corações	0,717	0,780	0,781	0,860	0,706	0,767	0,665	0,714
São Bento da Abade	0,623	0,712	0,658	0,787	0,646	0,724	0,564	0,625
Luminárias	0,667	0,763	0,728	0,840	0,711	0,763	0,563	0,686
Carrancas	0,662	0,750	0,754	0,846	0,661	0,761	0,570	0,642
Minduri	0,672	0,752	0,765	0,835	0,688	0,788	0,562	0,643
Cruzília	0,676	0,745	0,743	0,825	0,688	0,763	0,598	0,648
Caxambu	0,734	0,796	0,821	0,871	0,738	0,813	0,644	0,705
Baependi	0,661	0,742	0,712	0,787	0,692	0,784	0,58	0,654
Conceição do Rio Verde	0,665	0,747	0,691	0,719	0,719	0,775	0,585	0,686
Varginha	0,772	0,824	0,841	0,889	0,752	0,817	0,722	0,765

Tabela 1 - Índice de Desenvolvimento Humano do Centro Produtor de quartzos folhados.

Fonte: IBGE (2010)

Nesta tabela podemos perceber também que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) está abaixo da média do Estado e dos municípios do entorno, porém, quanto ao IDH-E (educação) de São Thomé é o que mais contribui para o seu IDH – M. Um fator que contradiz a postura proativa destas grandes empresas é o grande impacto ambiental que essas trouxeram ao decorrer dos anos (Barbosa, 2008). As mineradoras locais, por não possuírem forte aparato tecnológico de ponta, extraem somente as rochas superficiais, enquanto os indícios de maior destruição são causados pelas empresas não-locais.

Um dos riscos mais agravantes das ações mineradora é a extinção de espécies nativas da flora local: São Thomé tem hoje catalogadas mais de 1.006 espécies de plantas, das quais cinco espécies desconhecidas para o mundo foram coletadas na cidade, além de conter mais de cem espécies de orquídeas (Catalogadas em Pesquisas de Campo realizadas a partir de um convênio com a UNISANTOS e publicadas em Revista em 2019).

Outro bem natural em risco proeminente na região é a vegetação de campos rupestres, caracterizados por seus solos ácidos e pobres em nutrientes, ocorre em altitudes maiores

que 900 m e em áreas de afloramentos rochosos (quartzito, arenito e itabirito), cobrindo uma pequena parte da fisionomia campestre de Cerrado. No Brasil, os campos rupestres e de altitude do Leste ocorrem em três principais sistemas orográficos desta região: Cadeia do Espinhaço, Serra da Mantiqueira e Serra do Mar, sendo reconhecidos como importantes centros de endemismo da flora neotropical (Giulietti & Pirani 1988, Eiten 1992, Giulietti et al. 1997, Safford 1999a, Rapini et al. 2008, Fiaschi & Pirani 2009).

Por estes motivos, são espaços tombados para fins de proteção. No entanto, na região de São Thomé das Letras não há reconhecimento ou valorização dessa biodiversidade pelos moradores ou pelos órgãos públicos. Suscetíveis a extinção, essas espécies estão desaparecendo gradativamente ora pela destruição causada pela extração de quartzito, ora por incêndios causados pelo mau controle e administração das cachoeiras e pontos turísticos, onde se fazem fogueiras frequentemente e que em tempos de seca se alastram iniciando queimadas de grandes proporções e difíceis de conter - considerando que a cidade possui uma brigada voluntária composta exclusivamente por moradores, que arrecada por conta própria e através de “vaquinhas” a renda destinada aos equipamentos utilizados para contenção do fogo. Pesquisadores, biólogos e espeleólogos vem realizando uma força tarefa para contenção destes impactos, porém com pouco incentivo financeiro do Estado (figura 12).



Figura 12: incêndio na Serra de São Thomé, setembro de 2020.

Foto: Richard Gringo Roots

4. OS IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS ADVINDOS DO TURISMO

Em função dos impactos gerados e da relevância econômica da atividade turística, estudos vem sendo realizados por diferentes áreas, a fim de analisar todas as faces do turismo. Segundo Oscar de La Torre (1992) este termo pode ser conceituado da seguinte forma:

Turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (DE LA TORRE, 1992, p. 19)

Tal afirmação coloca em evidência o sujeito (turista), no entanto não especifica quais são as relações que este sujeito possui com o lugar ou quais meios ele utiliza para realização do turismo. A prática social inserida na lógica desta atividade e na pergunta “quem é o sujeito que pratica turismo?” É levantada por Rita Cruz (1997) e nos leva a refletir sobre as desigualdades sociais expressas no sistema de produção capitalista.

A necessidade de fazer turismo é colocada como prioridade nas sociedades industrializadas [...] conduzindo à falsa sensação de que todos têm condições materiais de fazê-lo, quando, na verdade, sabe-se que grande parte da população mundial sequer consegue satisfazer suas necessidades básicas de alimentação e moradia (CRUZ, 1997, p.216).

Sendo o turismo um fenômeno social, não deve ser estudado como um fato isolado, ou estaria destinado ao fracasso logo de início, uma vez que este reflete nas relações humanas e dinâmicas de consumo – são múltiplas as faces deste consumo, seja nos transportes, hospedagens, restaurantes, espaços de lazer, serviços bancários, etc.

É importante frisarmos que uma estância turística não surge ao acaso, tampouco num espaço vazio; aquele espaço no qual a atividade se estabeleceu está envolto por acontecimentos históricos e diferentes formas de ocupação, que por sua vez sofrerão alterações (positivas ou negativas) com a chegada de uma nova atividade econômica.

Na cidade de São Thomé das Letras a ascensão do turismo se deu de forma orgânica, ou seja, não planejada; a cidade que de início estava destinada a servir o mercado interno e externo de extração mineral se deparou com outra possibilidade de renda, principalmente após os anos 1970 com o fomento da atividade em âmbito nacional.

As feições litológicas da região assim como seu material de origem já não forneciam lucro somente para as empresas mineradoras na forma de depredação, mas também para o profissional do turismo na forma de contemplação dessas feições naturais, que necessitavam de um mínimo de preservação para prosperarem, especialmente a prática do turismo de aventura. Este processo levou muitas cidades interioranas que se adequaram a esta atividade, a elaborar um plano diretor que atendesse as demandas exigidas. A constituição do Brasil estabelece através do parágrafo 1º do artigo 182 que o plano diretor: 1) é o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana e 2) deve ser aprovado pela Câmara Municipal. No entanto, no que diz respeito a obrigatoriedade do plano diretor fica restrito a: a) Municípios com mais de vinte mil habitantes (art.41, I), b) integrantes de regiões metropolitanas e aglomerações urbanas (art. 41, II), c) onde o Poder Público municipal pretenda utilizar os instrumentos previstos no parágrafo 4º do artigo 182 , da CF/88, qualquer que seja a população (art. 41, III), d) integrantes de áreas de especial interesse turístico (art.41, IV) e e) inseridas na área de influência de empreendimentos ou atividades com significativo impacto de âmbito

regional ou nacional (art. 41, V). A urgência em se elaborar um novo plano diretor em São Thomé se encontra no fato de que a cidade só recebeu recentemente o título de estância turística, anexado ao circuito Vale Verde e Quedas D'água pela SECULT – MG (Secretaria de Estado Cultura e turismo de Minas Gerais) em documento disponibilizado no site do governo Estadual, atualizado em dezembro de 2019. Isto significa que São Thomé está habilitada a partir de 2020 a receber a arrecadação do ICMS destinada a atividade turística, o que certamente mudará a relação da cidade com o turismo – especialmente no que diz respeito ao investimento pelos órgãos governamentais e ao registro de estabelecimentos que atendem ao turismo (restaurantes, hospedarias, bares, etc). É importante compreendermos que a inserção de uma nova atividade econômica resulta também em uma nova configuração de paisagem cultural, podendo haver um choque entre diferentes manifestações culturais; a união de elementos que compõem diferentes culturas cria um híbrido no qual Burke (2003) afirma estar envolvido pela globalização cultural. Para expressar os reflexos da hibridização em sua maior amplitude, o autor define o termo cultura englobando atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações (BURKE, 2003. P. 17). Estas manifestações são guiadas por diferentes símbolos que, de forma individual, repelem ou atraem o visitante ao sentimento de pertencimento. O sentimento em relação ao lugar é um instrumento importante para analisarmos uma paisagem por recobrá-la de sentido e valor. Como escreveu o geógrafo Tuan (1983) em seus estudos sobre topofilia:

Os objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances (...). Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. (...) meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. (TUAN, 1983, p. 20)

Assim como os símbolos podem atrair diversos seguidores devido a sua capacidade de se ver representado, ele pode repelir os que discordem da utilização deste símbolo, ou que possuem certa repulsa à ele derivada da sua relação pessoal. Um visitante que não está aberto as multiculturalidades impressas no turismo em São Thomé, provavelmente

não se aproximará desse sentimento de pertencimento –ou pode, também, mudar sua percepção sobre a cultural local.

Não menos importante, é necessário entendermos que a cultura está contida em âmbito político. Willians (1958) reconhece que há culturas distintas atreladas diretamente às classes sociais, e que a cultura dominante exerce sua função hegemônica dentro de determinado espaço onde podem estar inseridas outras culturas alternativas – como a presença religiosa que temos em São Thomé. A cultura envolve e também é envolvida em “relações de poder, refletidas em padrões de dominação e subordinação”. (Jackson, 1989, p. 2 e 3). Em outras palavras, é possível justificarmos como o perfil diversificado do turista que visita São Thomé das Letras está relacionado com as diversas faces presentes em um mesmo recorte cultural: Do cristianismo ao paganismo, da música eletrônica ao *rock*, do ecoturismo ao turismo histórico, muitas são as percepções que podemos obter sobre a paisagem cultural da cidade.

É de extrema importância para o geógrafo entender as percepções da comunidade sobre a paisagem, a fim de promover uma educação ambiental que contemple visitantes e moradores de forma que suas atividades econômicas principais não sejam necessariamente antagônicas a depredação– uma vez que as existências de ambas causam impacto por si só, mas que a relação entre natureza e o homem seja repensada. Cabe a nós – não enquanto pesquisadores, mas enquanto humanos, refletirmos sobre a colocação de Porto Gonçalves (2016, pg. 9): ““O homem é a natureza que toma consciência de si própria e esta é uma descoberta verdadeiramente revolucionária numa sociedade que disso se esqueceu ao colocar o projeto de dominação da natureza. ”

5. RESULTADOS

5.1 como as atividades de mineração e turismo interferem na vida da população estudada

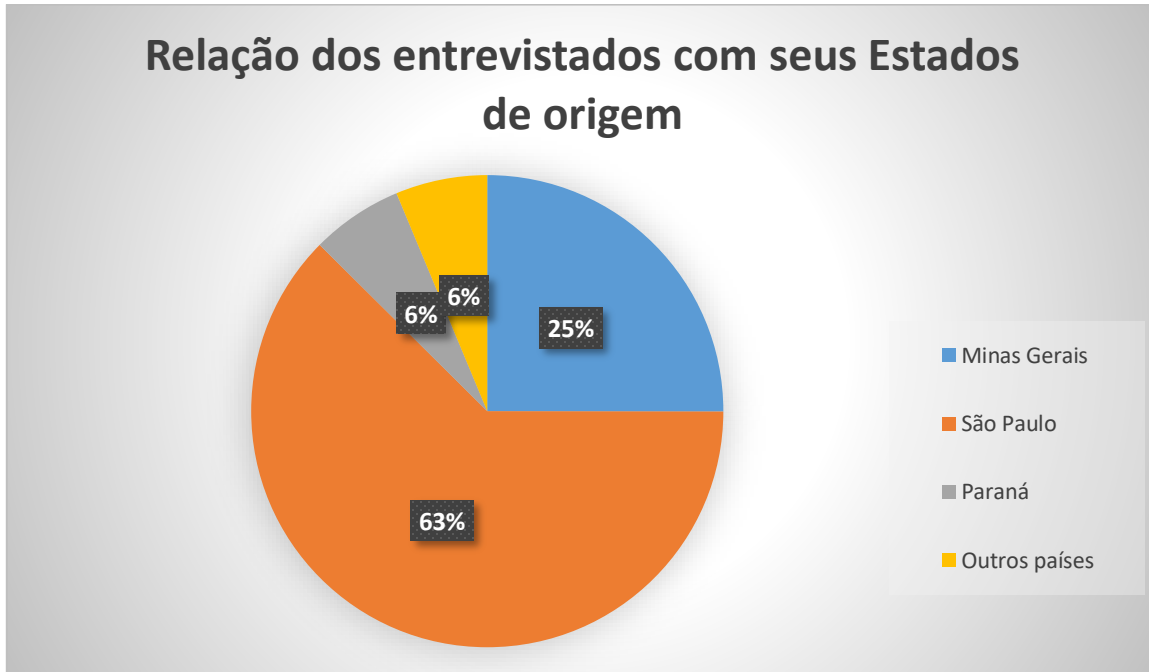


Gráfico 1: relação dos entrevistados com seus Estados de Origem.

Podemos conferir que mais da metade dos moradores entrevistados tem suas origens no Estado de São Paulo, de onde a cidade recebe o maior contingente de turistas.

Tal pergunta é relevante para entendermos a razão dessas pessoas terem escolhido a cidade de São Thomé para viver, o esgotamento físico e mental daqueles que habitam a grande São Paulo são um dos principais motivos para que o destino turístico dessa população seja em São Thomé das Letras – ou, mais especificamente, no interior de Minas Gerais onde cada vez mais pessoas buscam no ambiente bucólico um refúgio para “recarregar as energias”, ou até mesmo por uma nova forma de vida em contato com o meio natural, salientado pelo custo de vida inferior e qualidade de vida superior ao das cidades que sofreram com o processo de *conurbação*. O tempo de vivência dos entrevistados no município de São Thomé varia muito: 5 (cinco) pessoas informaram viver na cidade há menos de dez anos; outras 4 (quatro), habitam entre 10 e 20 anos; a maioria representada pelas outras 7 (sete) pessoas entrevistadas vivem no município há mais de

vinte anos, e acompanharam de forma mais concreta o processo de modernização na cidade e a ascensão do turismo de massa (Gráfico 2).

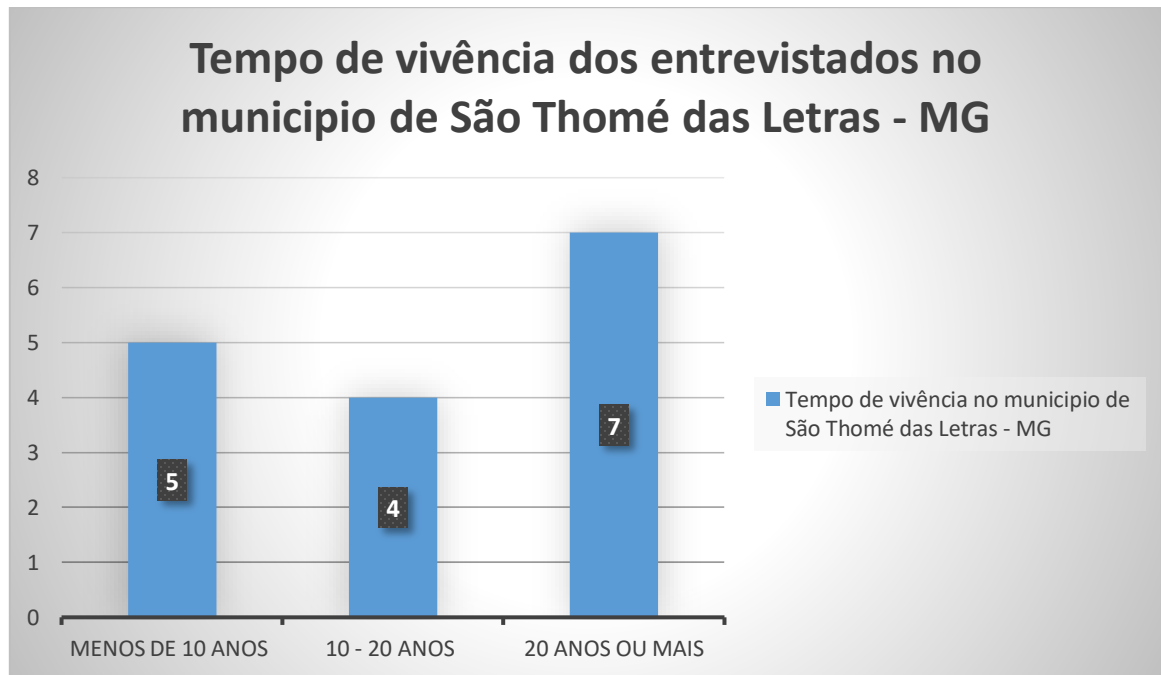


Gráfico 2: Tempo de vivência dos entrevistados no município de São Thomé das Letras – MG.

O terceiro gráfico apresenta a avaliação feita pelos entrevistados quanto as ações da gestão municipal, onde 19% avaliou como “Bom”, 56% (mais da metade) avaliou como “ruim” e os outros 25% avaliaram como “péssima” (gráfico 3).



Gráfico 3: Avaliação dos entrevistados quanto a atuação da gestão municipal.

Durante a obtenção dos resultados via questionário com a população, percebeu-se que poucos foram os avanços alcançados pela gestão pública e muitas as alternativas sugeridas pelos moradores, por isso a pergunta se faz eficaz quando complementada pela última - e única questão aberta, onde a questão dada aos entrevistados foi sobre quais medidas para melhoria do turismo eles poderiam sugerir. Destes resultados, as propostas que mais se repetiram foram em torno da manutenção do turismo na região como turismo sustentável ao invés daquele de massa, com a possibilidade de um controle de entrada e saída de visitantes, tanto na zona urbana quanto na rural onde estão localizados a maioria dos pontos turísticos (metade dos entrevistados, isto é, 50% exatamente habitam a área rural ou Sobradinho, distrito de São Thomé das Letras).

Tanto a população rural quanto a urbana enfrentam os impactos derivados do turismo: muitas são as reclamações em torno das festas *raves* que ocorrem principalmente no bairro rural do Cantagalo ocasionando poluição sonora e ambiental - visto que o movimento gerado por esses eventos agita ainda mais a fauna local, que se desloca para outros lugares onde são comumente atropelados durante a fuga.

Já no perímetro urbano, os moradores se queixam do descaso com o segmento turístico em que não há fiscalizações até mesmo no Parque Antônio Rosa, que recebe o maior

número de turistas na área urbana por seu famoso cartão postal: a pirâmide, que serve como mirante para assistir ao pôr do sol além de ser palco de diversas manifestações culturais. (figura 13)



Figura 13: Apresentação cultural na Pirâmide - Parque Antônio Rosa. Foto: Acervo Pessoal

5.1.1. O Parque Antônio Rosa

O parque foi tombado em meados dos anos 2000, com a intenção de preservar a região de topo de morro e impedir construções em áreas com risco de desabamento.

A região do Parque Antônio Rosa corresponde ao topo de morro mais alto no qual está localizado o perímetro urbano do município e não somente a pirâmide

No entanto, ao pé do morro podemos ver uma alteração significativa da paisagem em feriados: durante o dia, famílias aproveitam o local para tirar fotografias; ao pôr do sol temos o auge do movimento no parque, onde artesãos e pequenos comerciantes vendem filtro dos sonhos, doces e acessórios de macramê, além dos artistas que também compartilham este mesmo espaço; durante a noite, os bares ao pé do morro que se fecham durante o dia, reabrem com diversas atrações musicais que se iniciam à meia noite e duram até o amanhecer.

Desta forma, percebemos que muitas são as dinâmicas espaciais em torno do Parque Antônio Rosa, e que esse lugar é sempre frequentado independente do horário, rechaçando a necessidade de uma fiscalização ainda mais eficiente no combate à depredação de patrimônios tombados.

Com o aumento no número de visitantes e sem um controle, os feriados têm sido marcados por uma série de furtos deixando tanto moradores quanto turistas amedrontados. Quanto a isso, a resposta dos entrevistados – especialmente os que moram há mais de vinte anos, está envolta pela questão pública e a valorização da economia e cultura locais; A mineração também é fortemente reconhecida como fator impactante, onde pede-se que o reflorestamento das áreas dinamitadas e o reaproveitamento das pilhas de rejeitos sejam reconhecidas como pautas urgentes:

“Incentivar o turismo sustentável ao invés do turismo de massa, cobrar taxa simbólica por veículo ao entrar na cidade e também uma taxa única através das hospedagens (...) A taxa deve ser usada para lixeiras e contratar pessoas para cuidar do parque e cachoeiras, gerando empregos.” (L.F. Artesã, professora, moradora há 7 anos)

“Um turismo que não exceda em muitas vezes a capacidade desta natureza de se recuperar após um feriado; seja na questão do lixo, do esgoto, das fossas inadequadas, água escassa e nascentes, pisoteio, motos e veículos off road em áreas de preservação e isso sem falar nas profundas cicatrizes que a mineração já deixa a cada dia.”
(P.S. Professor, biólogo, morador há 8 anos)

“Criação e implementação de um bom inventário turístico, adequação dos pontos turísticos, (planos de manejo etc). Regularização de comércios e hospedarias. E valorização e reconhecimento da cultura local!” (R.C. Nativo, morador da área urbana, músico).

“Término do plano de manejo da APA São Thomé para melhor proteção de nossos atrativos, coleta de lixo seletiva e saneamento básico, isso na área ambiental.”
(M.F. Comerciante e agricultor, morador há 30 anos)

*“Lixeiras ecológicas em toda cidade
Aumentar a fiscalização para a segurança da cidade
Bombeiros”* (N.M. Artista e Moradora de Sobradinho há 18 anos)

“Eu acho que deveriam melhorar a qualidade do turismo em São Thomé. Não estou dizendo elitizar. Mas atrair um público mais consciente. Toda cidade turística tem lei, em São Thomé tudo pode. Todos os meios de hospedagem deveriam ter alvará e pagar impostos, esse leilão de vagas para hospedagem que atrai gente sem noção pra cidade.”
(L.N. Moradora há 19 anos)

“Investiria em projetos envolvendo arte, agrofloresta e reflorestamento das montanhas dinamitadas” (P.D., artista e morador há cinco anos)

“Planejamento de um turismo sustentável de qualidade, priorização da conservação dos espaços, limitação de visitantes” (R.D. Comerciante, morador há 19 anos)

*“Mais organização, melhorias nas vias de acesso, estrutura de saúde...
Estrutura para os eventos e sempre ouvir os moradores sobre projetos e ideias.”
(F. L. Artista e moradora há 18 anos)*

“Conhecer a capacidade de carga evitando exaurir o meio ambiente com um número elevado de turistas. Colocar número limite de quantidade de vagas para turistas incluindo pousadas, camping, hostel, casa de famílias que alugam, etc.” (T.B. Artista, nativa).

“Mais organização. Taxa para excursões. Limite de pessoas por cachoeira. Reflorestamento. ” (I.N. Comerciante, morador há três anos)

Dentre todas as propostas sugeridas pela população, há três tópicos que se sobressaem: o limite de visitantes na cidade e pontos turísticos, turismo sustentável e o reflorestamento das áreas implodidas pelas mineradoras e/ou plano de manejo.

Para melhor organização dos resultados qualitativos, a seguinte tabela apresentará com que frequência as principais propostas aparecem nas respostas ao questionário:

Tabela 2 – Frequência com que os entrevistados apontam as três pautas como propostas

	R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	R10	R11	R12	R13	R14
Turismo Sustentável			X	X	X		X	X	X	X	X		X	
Reflorestamento/ Plano de manejo	X		X			X			X				X	
Limite de Visitantes		X				X	X		X	X				

*Ainda que o questionário tenha sido respondido por 16 pessoas, somente 14 delas responderam a pergunta final.

A maior parte dos entrevistados reconhece a importância de uma atividade que esteja alinhada à sustentabilidade e expressam isso com diferentes propostas, seja para o turismo ou para mineração. Observou-se que os entrevistados que não integraram as três propostas as suas respostas (R12 e R14) residem na área rural e denunciam

principalmente a falta de saneamento básico e de uma coleta de lixo eficiente, pois especialmente em feriados o excesso de visitantes faz exaurir os recursos hídricos, além da falta de tratamento do esgoto e de fossas inadequadas – o que é prejudicial também para os turistas que frequentam cachoeiras onde a água já está contaminada, como a Cachoeira do Vale das Borboletas, que recebe o maior número de visitantes por sua fácil acessibilidade e por estar somente há três quilômetros do perímetro urbano. (Figura 14)



Figura 14: Cachoeira Vale das Borboletas. Foto Acervo pessoal

5.2 As atividades econômicas em São Thomé segundo a visão das lideranças

A paisagem não pode existir sem ações humanas que se integram as dinâmicas territoriais como agentes passivos ou ativos na construção de uma sociedade. Desde a descoberta dos recursos minerais até a ascensão do turismo, a cidade de São Thomé das Letras tem suas dinâmicas influenciadas por diversos segmentos que foram identificados durante pesquisas de campo. São eles: turismo, mineração, religião, política, patrimônio e cultural.

5.2.1 Político

Para obtermos a visão da gestão municipal sobre os problemas de São Thomé das Letras, o segmento político foi anexado as nossas entrevistas com lideranças. Neste caso, nosso primeiro contato foi com o vice-prefeito de São Thomé das Letras, o sr. Tomé Alvarenga, nativo e ex-minerador.

O vice acabava de chegar da cidade de Varginha onde esteve em reunião para tratar de assuntos relacionados ao *lockdown* – a cidade de São Thomé passava pelo período de pandemia com portas fechadas para o turismo desde março.

Tomé nos recebeu em sua casa como todo bom anfitrião mineiro – e como a maioria das lideranças entrevistadas: com um café recém coado. Antes de começarmos a entrevista formalmente, conversamos sobre as expectativas para sua reeleição. Ele me contou brevemente alguns trabalhos que vinha desenvolvendo desde o afastamento da prefeita Marisa, que retornou a posse uma semana após esta entrevista.

Dando início a entrevista, o questioneei sobre o estágio em que se encontra o plano diretor municipal.

“Olha tem um plano diretor, só que ele foi muito malfeito, na época ‘fizeram só pra completar’ mesmo. A gente precisa atualizar ele agora, venceu em 2020 mas com essa pandemia não tinha nem como a gente pensar em fazer a atualização, é o próximo passo e deve ser feito...buscamos até parcerias inclusive”.
(Entrevista nº 1, Tomé Alvarenga Reis, realizada em 21 de setembro de 2020)

Neste momento, o vice-prefeito me convida a compor o plano diretor municipal e se mostra interessado em criar um convênio junto às Universidades públicas. Gentilmente respondo que seria um prazer ajudar.

Pergunto à ele sobre as expectativas para melhoria do turismo a partir deste novo plano diretor e ele destaca a importância da preservação ambiental para manutenção da atividade.

“...o turismo pra stl por exemplo eu digo que não é 90% da renda do município, mas 90% dos moradores tiram renda do turismo, então assim a gente tem que trazer principalmente a questão da preservação do meio ambiente, a gente tem que buscar muito isso, o plano de manejo das cachoeiras (o da apa já está em andamento, feito junto a UFLA). Temos que preservar o turismo pois sem organização ele pode destruir ainda mais que a mineração. Precisamos orientar, organizar ‘ele’ pra ser uma fonte duradoura.” (Entrevista nº 1, Tomé Alvarenga Reis, realizada em 21 de setembro de 2020)

Há certa urgência quanto ao Plano de Manejo da APA, e que também é pontuado pelos moradores no capítulo anterior em resposta ao questionário aplicado.

No entanto, há uma polêmica inclusa na questão do plano que explica o porquê tardou tanto tempo para que fosse realizado: um dos motivos – também apontado pelo vice-prefeito está envolto pela falta de apoio financeiro estatal; o segundo motivo e talvez o mais plausível e que foi identificado durante pesquisas de campo apontam sobre a localização da APA, que divide espaço com as frentes de lavras do quartzito. (Figura 15)

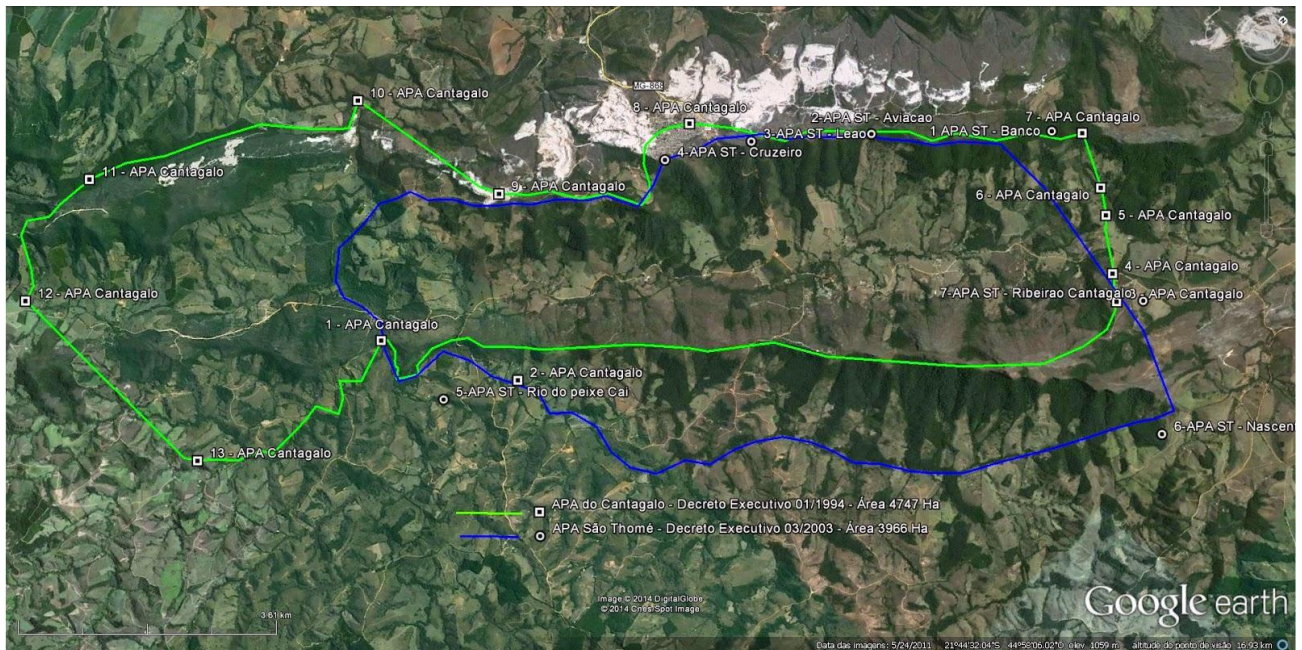


Figura 15: Localização da APA São Thomé e APA Cantagalo. Fonte: Jornal O Guardião.

De fato, há mais temor envolvido do que a ausência de auxílio financeiro. A influência econômica e política da mineração é inegável, não somente em âmbito municipal, mas estadual e até mesmo Federal, atropelando muitas vezes leis incisas no código ambiental.

Sobre a mineração pergunto ao senhor Tomé, não enquanto vice-prefeito mas enquanto nativo e minerador, como ele via o futuro da atividade mineradora dividindo espaço com o turismo.

*“Eu vejo com bons olhos a manutenção dela (mineração), acredito que não pode acabar. Por exemplo em período de pandemia, o turismo tá fechado, é a pedreira que tá sustentando a cidade. Então assim, acho que a gente tem que ter duas ou mais fontes de renda para qualquer crise que vier você ter uma saída, hoje a pedra tá com uma venda muito boa e é o que tá sustentando a cidade. (..)
A gente tá conseguindo passar esses quase sete meses sem turismo por causa da pedreira. Sem ela seria impossível, então eu vejo que temos que organizar ela de forma que não seja tão predatória e que deixe mais renda no município, porque hoje ainda tem o defeito de ter muita mão de obra de fora, por aqui não*

ter mão de obra suficiente, talvez devêssemos regularizar ela internamente. ”
(Entrevista nº 1, Tomé Alvarenga Reis, realizada em 21 de setembro de 2020)

Em consenso com a geografia humanística estudada por Tuan (1983), a análise das entrevistas obtidas está envolta pelos fenômenos geográficos através do entendimento humano e suas condições. Senhor Tomé em seus mais de quarenta anos acompanhou diversos processos que sua cidade natal sofreu e sofre, entre eles o turismo e a mineração, a qual ele também participou sendo um extrator. Diante disso, sua relação com este recurso mineral envolve simpatia e gratidão pelo que o quartzito forneceu à cidade - e conseqüentemente à sua família, durante todos esses anos. Essa afirmação pode ser extraída da resposta de Tomé quando pergunto a ele sobre a possibilidade das duas atividades (turismo e mineração) prosperarem:

“...vejo que tem que fazer a feira da pedra, mostrar pro turista que vê a parte da extração somente como um mal, não é só degradar...por trás daquele trabalho tem uma família sendo sustentada. Tem grupos vivendo daquilo, não podemos esquecer que São Thomé só existe por causa da mineração. O que as pessoas iam fazer no alto da serra em cima de uma pedra se não fosse pra extrair? Não dava pra plantar. A mineração é a origem de tudo, não dá pra acabar, não.”
(Entrevista nº 1, Tomé Alvarenga Reis, realizada em 21 de setembro de 2020)

Assim como mineração e turismo, as festividades religiosas são ações unicamente humanas. Estas manifestações podem ser extintas e depois resgatadas, como também podem ser modificadas e isso está ao alcance somente da vontade humana em começar novamente, como Tuan (1983) observou sobre a perspectiva humanística:

Os eventos humanos diferem em caráter e finalidade, mas são similares quando mostram a capacidade humana de iniciar, isto é, de começar novamente. Se é admitido que o povo pode verdadeiramente iniciar, então eventos tais como a ascensão meteórica do Islão, a Revolução Francesa, a descoberta da América ou o materialismo dialético, são largamente imprevisíveis. (TUAN, 1983, p. 144-145)

Desta forma, o enfraquecimento da religiosidade consoante com o processo de modernização na cidade de São Thomé também preocupa Tomé Alvarenga, que enxerga na juventude a possibilidade de resgatar tradições locais.

“Recentemente a gente tem feito os encontros de folia de reis, é uma tradição antiga que não pode acabar, teve um momento em que ela ficou praticamente findada, com uma ou duas folias só. Mas nos últimos anos temos fomentado sim, e tem outros como o congado por exemplo que as crianças mal conhecem e é uma tradição antiga vinda dos escravos. Ano passado fizemos a festa da rua de

baixo e trouxemos uma congada da cidade vizinha e foi muito interessante ver os olhos das crianças curiosas e jovens que nunca viram o congado. ”

(Entrevista nº 1, Tomé Alvarenga Reis, realizada em 21 de setembro de 2020)

5.2.2 Turismo

O eixo turístico está justificado pelas diversas dinâmicas populacionais que a atividade traz consigo; o fluxo migratório, a movimentação na economia e na resignificação dos espaços onde, antigamente, apenas os extratores tinham acesso. Desta forma, é correto tratarmos do turismo enquanto fenômeno, pois é um reflexo das relações sociais e da dinâmica de representação capitalista em sua totalidade (Coriolano, 2006).

O segmento turístico contou com relatos da moradora Francisca Izabel Constância.

Um café seguido de uma boa conversa em sua cozinha: este foi nosso encontro com Dona Francisca, mãe, nativa e recepcionista há quase trinta anos na Pousada Arco Íris, uma das mais tradicionais e antigas hospedagens de São Thomé.

Enquanto o cachorro Viti anseia por um carinho na barriga, Francisca coa o café e relembra de quando era criança e tinha que buscar água no poço – aquele da lenda de Caninana, quando a cidade não possuía água encanada nem o trecho de asfalto que leva até o vale das Borboletas.

Sua vivência e seus laços de sangue – ela é membro da família Rosa, a mais antiga família a habitar o arraial, descendentes do escravo João, faz com que Francisca seja uma figura conhecida especialmente pelos nativos.

Quando pergunto a ela sobre as mudanças trazidas com o turismo ela reforça esta realidade: “o turismo mudou muito São Thomé, e vem mudando”.

Em quase três décadas, a recepcionista afirma que o perfil do turista que frequenta a cidade também mudou, e que mais jovens e menos famílias tem frequentado. Além disso, ela escuta muitas críticas levantadas pelos hóspedes da pousada sobre a destruição pela mineração:

“A mineração antigamente era a principal atividade econômica na cidade, mas a ideia seria turismo e extração de pedra caminharem juntos, particularmente eu acho que a pedreira está destruindo São Thomé, eu escuto muito isso dos hóspedes cada vez mais eu escuto de hóspedes que vem há quinze anos eles dizem ‘a montanha não estava devastada quando vínhamos.’” (Entrevista nº 2, Francisca Izabel Constancia, realizada em 9 de outubro de 2020)

Sobre a atuação da prefeitura no fortalecimento do turismo, a entrevistada expressa sua indignação e tristeza com o atual cenário político e ambiental.

“Eu vejo que não há incentivo nenhum, sinceramente deixa a desejar. Você vê os pontos turísticos, é uma coisa muito repetitiva. Todo fim do feriado você vê que são as pessoas que amam São Thomé que vão lá e limpam, tiram lixo que fica na cidade. Todos moradores, eu diria que são pessoas que amam que cuidam e lutam pela montanha. Eu nasci aqui ne, e outro dia fui caminhar ali próximo a pedra furada e fiquei chocada com o que vi. Fiquei chocada com a destruição, São Thomé está chegando ao ponto de se tornar a Cidade do Era: aqui era uma pedra, aqui era uma gruta. Tudo fica na lembrança, isso me deixa muito triste. A maioria das pessoas que destroem são empresários que nem são daqui, não investem nada aqui. Eles não doam, não ajudam em nada: só retiram e vão embora. ” (Entrevista nº 2, Francisca Izabel Constancia, realizada em 9 de outubro de 2020)

É muito comum após um feriado prolongado a população realizar mutirões de limpezas nas ruas, assim como as ações dos brigadistas que redobram o cuidado em períodos de seca, quando os impactos do turismo são latentes. Outra realidade exposta pela entrevistada, ainda meio receosa em disponibilizar tais informações, frisa no aproveitamento dos recursos naturais pelas cidades do entorno, e em como a desvalorização do comércio local tem deixado a cidade á mercê da economia regional – quando, na realidade, a mineração em São Thomé é o que move esta economia.

“Eu conheço proprietário de mineração que vem aqui, entra de jatinho nas pedreiras pra não pisar na cidade, a maioria dos escritórios ficam em TC (Três Corações), Varginha. Eu costumo dizer que São Thomé sozinho ele abrange toda região, pois eles tiram daqui pra gastar lá fora, nem os impostos ficam aqui. Essa é a realidade de São Thomé, tá virando comércio até os pontos turísticos. O que vem de graça eles estão cobrando, as pessoas compram terreno que tem cachoeira e começam a cobrar entrada da cachoeira. A natureza tem dono? A natureza é de quem cuida dela. E eu volto a pergunta pra você: a prefeitura tem feito algo pelo turismo em São Thomé? Não. Muito menos pelos moradores. Mineração e turismo poderiam caminhar juntos, mas não acontece. E quem tenta fazer algo diferente disto, a gente sabe o que acontece. ” (Entrevista nº 2, Francisca Izabel Constancia, realizada em 9 de outubro de 2020)

A visão de Francisca se difere em muitos pontos da visão de Tomé devido a suas diferentes vivências e pelo papel que cada um desempenhou durante a vida: enquanto um empregado pela mineração encontrou nesta atividade um meio de sustento, outra encontrou no turismo o mesmo objetivo.

Ainda que tanto Tomé quanto Francisca sejam nativos, o contato de Francisca com o público possibilitou que ela ouvisse opiniões externas de visitantes e pessoas pertencentes a uma elevada classe social – a pousada em que trabalha está entre as mais elitizadas da cidade, com diárias que variam de 500\$ a 1000\$ em feriados.

Diante disso, observamos a amplitude do perfil do público-alvo do turismo em São Thomé nos relatos de Dona Francisca, que alega receber muitas famílias, mas também muitos jovens.

Dentro do mesmo recorte local temos uma variedade de visitantes de diversas classes sociais, idade, orientação sexual praticando suas atividades. Sendo assim, o local assume um caráter altamente complexo, com múltiplos patamares de significados (Cosgrove, 1989). A partir da perspectiva humanística, é correto afirmarmos que o sentimento de pertencimento em relação à São Thomé abrange diversos grupos, e a interação entre estes grupos cria um espaço complexo e de diversas faces.

Uma das tarefas buscadas pela geografia humanística está o estudo do conhecimento geográfico, e este pode variar de grupo para grupo. Para Tuan (1983), o conhecimento geográfico é um instinto animal, presente em diversos graus de acuidade, porém de forma ampla, é um conhecimento necessário a sobrevivência biológica – como o mapa mental dos lobos e as noções espaciais das aves.

Nem todos que visitam São Thomé possuem noções geográficas quanto a sua origem geológica, localização, clima, etc., mas compartilham de sentimentos semelhantes pelo lugar e buscam nele a paz que não encontram nas grandes cidades onde a verticalização não torna possível assistir ao pôr do sol, por exemplo. As diferentes emoções em relação a um mesmo lugar é um tema que a geografia humanística busca refletir.

O conceito de lugar é altamente amplo, pode se referir a um Estado-nação como também pode ser o quintal da casa dos nossos avós. Para melhor entendermos as emoções atreladas a noção de lugar, Tuan explica essa relação comparando as ações humanas com animais: um animal em movimento faz uma pausa, comumente para satisfazer necessidades básicas. Logo, a localização da parada se torna um lugar, onde ele pode defender de supostos intrusos.

Essa relação se iguala as relações humanas, porém, cabe ao humanista refletir como a interferência da emoção pode dar significado a um lugar que é inconcebível no

pensamento e no agir animal, mas que para nós é cotidiano e atravessa os sentidos da visão, olfato, tato, paladar e audição.

Para Tuan (1983), uma das principais noções que afetam os seres humanos mais que aos animais, tornando-nos capazes de recordar memórias e momentos passados através dos sentidos é a atribuição que damos aos eventos biológicos de nascimento e morte.

As localizações pragmáticas dos animais têm valor porque satisfazem suas necessidades vitais correntes. Um chimpanzé não tem preocupações sentimentais sobre o seu passado, sobre sua terra natal, mas ele antecipa o futuro e teme sua própria mortalidade. Santuários dedicados ao nascimento e a morte são unicamente lugares humanos. (TUAN, 1983, p. 149)

Desta forma, é correto atribuímos a noção de sacralidade a atividades excepcionalmente humanas, assim como a filosofia e as artes. A partir da perspectiva humanística, conseguimos compreender que a reflexão filosófica é, em muitos momentos, o que difere os seres humanos de outros animais; todos os animais são capazes de se expressarem, e ainda que se possa ensinar um chimpanzé a pintar, a literatura e a arte são atividades exclusivamente humanas. (TUAN, 1983).

5.2.3 Religião

A religião por sua vez também colabora para a composição do quadro da identidade cultural local, uma vez que suas tradições e festividades perpetuam há mais de 150 anos no município; o advento do povoamento local se dá pela igreja católica, que atualmente divide o mesmo espaço com outras organizações religiosas como o Santo Daime, a Cidade das Estrelas e a Fundação Harmonia, com suas exuberantes construções e templos, é um exemplo atípico de hibridismo cultural.

Ainda que seus componentes não gostem de receber o título de religião, mas sim de centro de terapias holísticas, a Fundação utiliza-se de elementos do hinduísmo, do neopaganismo e até de entidades do candomblé. (Figura 16)



Figura 16: sede da Fundação Harmonia no bairro Cantagalo. Fonte: fotos públicas

Para este segmento, entrevistamos Silvio Braz Martins, setor administrativo da Casa Paroquial e morador há quinze anos.

Quando chegamos à casa Paroquial para realização da entrevista, nos deparamos com uma grande obra em seus estágios finais, realizada por fiéis voluntários e sob fiscalização de membros do IEPHA – MG. Pela primeira vez em mais de cem anos, começaram-se a reforma das estruturas arquitetônicas do Centro Histórico de São Thomé.

As rachaduras visíveis se transformaram em infiltrações que acabaram por comprometer as imagens e as ancas internas da Casa Paroquial e da igreja Matriz, tornando a reforma ainda mais urgente. O movimento intenso da reforma e os diversos agendamentos de batizados e casamentos não escapam ao trabalho meticuloso realizado por Silvio, que administra tais documentações além da parte financeira da igreja.

Nos finais de semana em que o escritório não abre, ele me conta que ajuda a organizar a missa junto ao padre. A ocupação de Silvio requer muito tempo e dedicação, por isso, nosso encontro foi breve e direto.

Perguntei sobre a importância das festividades religiosas presentes em São Thomé, questão que também preocupa o secretário, porém de forma positiva ele ressalta que a presença religiosa ainda é mais forte do que em muitas cidades ao redor.

“Tradicionalmente estas festas acontecem há mais de 150 anos, principalmente aqui em São Thomé, porque São Thomé é tradição, enquanto muitas cidades grandes a tradição já acabou, aqui em Minas e especialmente em São Thomé a tradição é muito grande da Semana santa, nossa Senhora Aparecida, a tradicional festa do Padroeiro São Thomé, a festa de agosto também é muito tradicional, era da igreja antigamente. Então a festa religiosa, ela além de trazer a cultura, ela envolve muita coisa. Festa junina, leilão de gado, rifas...muita coisa da tradição é resgatada nesses eventos como a semana santa que está sendo resgatada agora como era antigamente. ” (Entrevista nº 3, Silvio Braz Martins, realizada em 7 de outubro de 2020)

Atualmente, a atividade turística tem “atravessado” as celebrações católicas da semana santa, especialmente com a chegada dos megaeventos que contam com shows de grupos famosos, atraindo visitantes de todo o país. O fluxo intenso de turistas e de carros atrapalha o caminho da procissão e da encenação da Paixão de Cristo, motivo pelo qual levou a prefeitura a impedir a transição de carros especialmente nestas ocasiões (Figura 17)



Figura 17: turistas praticam suas atividades enquanto ao fundo os fiéis começam a missa na igreja Matriz.

Foto: Anamélia Duarte. Abril 2017.

Mesmo compondo uma paisagem cultural dominante, a cultura católica vem perdendo gradativamente espaço – um fenômeno que não ocorre unicamente da cidade de São

Thomé. Sabendo disso, perguntei ao Silvio como ele via a influência do turismo e da mineração nas condições dos patrimônios materiais.

“Sim, o impacto por causa das pedreiras geralmente, a gente vê pelas rachaduras, o telhado mesmo é muito antigo e nunca foi trocado e o que acontece, com as bombas que eles soltam nas pedreiras eles causam rachaduras. E nossa igreja é de pedra, e ainda assim causam rachaduras.”
(Entrevista nº 3, Silvio Braz Martins, realizada em 7 de outubro de 2020)

Há muito tempo a casa paroquial necessitava de uma reforma, então, por que tanta demora? Diante disso, perguntei a ele se havia fomento financeiro do município na restauração dos patrimônios

“Olha a prefeitura tem se importado sim, não posso dizer que eles não têm olhado, a questão não está na prefeitura, mas no Estado. Pois é um bem tombado então as verbas, dinheiro pra reforma vem do Estado e por isso a gente depende muito de documentação [...] porque a gente depende desse dinheiro não só pra reforma porque a questão da reforma, o que a gente quer é resguardar aquilo que é antigo, que é bonito, que é bom de se ver! Pra você ver, a nossa igreja matriz por exemplo ela tem uns desenhos antigos do Fatineti que foi um dos discípulos de Aleijadinho, quer dizer, nossa cultura é muito grande. A gente quer resguardar tudo isso, estamos fazendo essa reforma por isso.”
(Entrevista nº 3, Silvio Braz Martins, realizada em 7 de outubro de 2020)

Analisando as respostas do secretário e do vice-prefeito, percebemos que ambos reconhecem a tradição católica presente em São Thomé e que há uma preocupação especial destes com a conservação dos bem materiais e imateriais religiosos: para Silvio, a beleza visual do antigo não pode ser perdida, enquanto Tomé acredita em resgate das tradições para que grupos mais jovens possam conhecer e prestigiar estas festividades. É de interesse do geógrafo compreender a utilização do espaço pela população, já que ambos servem como ponto de partida legítimos para a explicação da geografia humana (Cosgrove, 1983).

A ressignificação dos símbolos e a imposição de valores sobre eles confere ações unicamente humanas, uma vez que, pela perspectiva humanística, este se difere de outros animais pela sua capacidade de reflexão filosófica; todos os animais são capazes de se expressarem, e ainda que se possa ensinar um chimpanzé a pintar, a literatura e a arte são atividades exclusivamente humanas. (TUAN, 1983).

Sendo assim, assumimos que as manifestações humanas sejam elas de cunho político, religioso ou cultural estão repletas de intenções e sentido.

5.2.4 Mineração

Como uma das primeiras atividades que se instalaram na região, a mineração colaborou de forma significativa na identidade cultural que compõe a cidade e a principal responsável por inserir São Thomé das Letras na lógica de mercado; seu nome começa a ser reconhecido internacionalmente devido as grandes frentes de lavras do quartzito.

A liderança escolhida para esta entrevista foi Tomé Valtenir Medeiros, representante da COOPEDRA, minerador e nativo.

O contato com Valtenir foi obtido por recomendação do vice-prefeito Tomé, quando perguntei se ele conhecia alguém que poderia nos dar entrevista, então ele sugeriu o representante da Cooperativa de extratores de São Thomé, com quem trabalhou por muitos anos.

A vida de Valtenir é a mineração. Trabalhou desde os doze anos, o que é muito comum desde a época em que não havia fiscalização das leis trabalhistas nas jazidas; com isso, soma-se quarenta anos de trabalho na extração do quartzito e em diferentes empresas como a Pelúcio e os Villas Boas. Diante disso, a pedreira se tornou o seu ganha-pão e de muitos familiares.

“Hoje não, sou só eu, mas tem uns que já ‘trabalhou’, outros aposentaram, família assim digo irmãos ne, porque tenho primo, outros parentes que ainda trabalham na pedreira. ” (Entrevista nº 4, Tomé Valtenir Medeiros, realizada em 29 de setembro de 2020)

O extrator confirma que a gestão municipal colabora com a documentação necessária para que as jazidas se mantenham ativas: “no que depender deles de alvará, documentação eles dão suporte nesse sentido” (MEDEIROS, Tomé V. Entrevista concedida em setembro de 2020). Ele também explica que o alvará de funcionamento é renovado uma vez por ano e que, quando não renovado, torna-se impossível esse funcionamento. Segundo ele, a maioria das companhias extratoras que compõem a coopedra são locais, e muitas já reutilizam dos rejeitos para fins de construção civil como brita, areia e vidro.

Quando pergunto sobre a relação entre turismo e mineração, a visão do entrevistado é positiva quanto aos benefícios mútuos das duas atividades:

“É possível e isso já acontece. É claro que tem, a gente sabe que coisas que podem melhorar mas de acordo com a realidade a gente vai se adaptando” ” (Entrevista nº 3, Silvio Braz Martins, realizada em 7 de outubro de 2020)

As respostas diretas do sr. Valtenir expressam um certo receio diante de minha presença, de forma que a maior parte do diálogo ocorreu quando o microfone já estava desligado. Este receio é justificável pois para eles é comum que apareçam pesquisadores ou somente curiosos com o objetivo de apontar fraquezas na atividade mineradora assim como seus impactos negativos. Ao ler o termo de concessão de entrevista, o minerador se demonstrou estar mais á vontade, percebendo que minha presença ali não os ameaçaria de qualquer processo. Desta forma, a conversa externa a essa entrevista não será publicada ou gravada.

No entanto, Valtenir ressalta a importância da Cooperativa para os trabalhadores locais.

“...ela é o coração de São Thomé, quando a coopedra fecha a cidade para. E tem muita gente aqui que trabalha com mineração e turismo, eu por exemplo tenho pousada e sou minerador, consegui construir meu negócio com o dinheiro da pedreira.”

(Entrevista nº 3, Silvio Braz Martins, realizada em 7 de outubro de 2020)

Neste ponto, o caso do extrator não é um caso isolado; muitas famílias que antes viviam somente da mineração encontraram no turismo uma fonte de renda alternativa.

Hoje é extremamente comum moradores alugarem casas ou cômodos para temporadas, o que gera para eles uma renda complementar, já que somente o trabalho braçal não é suficiente para manter uma família grande. Com isso, retomamos a leitura feita sobre o relato de Tomé Alvarenga, no que diz respeito a ausência de mão de obra local: os filhos dos mineradores atualmente possuem melhores condições de estudo e de se integrar à universidade, com isso, os jovens vão abandonando as jazidas e ocupando os espaços fornecidos pelo turismo e outras práticas.

As alterações nas dinâmicas econômicas influenciam também paisagem, uma vez que, ainda em sua forma mais complexa, o conceito de paisagem envolve intervenções humanas não necessariamente negativas, e isso é sempre importante rechaçar.

5.2.5 Artístico

Adicionamos o segmento artístico pelo papel presente que desempenha no cotidiano dos moradores e no entretenimento dos visitantes – damos destaque a este grupo que ocupou a Serra de São Thomé nos anos 70, na qual vieram artistas de todo o país, como

os artesãos que trabalham com o material *durepoxi*. Este artesanato começava a tomar forma de bruxas, duendes e fadas para se tornar até os dias de hoje um objeto muito admirado e valorizado pelos turistas que os levam como presentes ou decoração.

Além do artesanato, a música é um artifício muito presente na composição da paisagem letrense: a música ao vivo está em quase todos os bares e restaurantes da cidade e é responsável pelo cenário cultural noturno especialmente em feriados.

Desde a música até intervenções como poesia, teatro e dança auxiliam na composição do turismo que encanta os visitantes do Parque Antônio Rosa.

Porém, a valorização da cena cultural local ainda é muito recente. Por conta disso, o nosso entrevistado também representa a liderança mais jovem de São Thomé das Letras: com apenas cinco anos de vivência na cidade, o músico e *designer* Fábio Plumari enxerga um forte potencial na cultura local, especialmente na música que também é referência regional e até nacional – o maior festival de música gótica do país, o *Woodgothic*, ocorre a cada dois anos em São Thomé e atrai músicos de todo Brasil e até de outros países.

O artista diz em tom de brincadeira que chegou na cidade com sua banda para compor “a faculdade do *rock*”, e afirma que aprendeu muito com os companheiros de profissão. Quando lhe pergunto sobre o turismo e a relação dessa atividade com a cultura local, Fábio relembra o que o levou, enquanto turista há cinco anos atrás, a se encantar pelo movimento e sentir vontade de morar definitivamente em São Thomé.

“Isso é muito legal porque assim, a gente é meio que testemunha ocular de muitas pessoas que planejam né as vezes por anos vir para São Thomé [...] as pessoas vêm pra ter uma noite divertida, memorável, e a gente faz elas vibrarem junto nos shows! Acho que esse é o grande ‘lance’ que me chamou pra fazer música aqui como não se fazia em lugar algum! Porque é um trabalho né, obvio que é um trabalho, mas é muito legal você conseguir conectar-se a esse tipo de energia.”
(Entrevista nº 5, Fábio Plumari, entrevista realizada em 7 de outubro de 2020)

Especialmente na região Sudeste onde São Thomé é mais conhecida, as pessoas que visitam e se vislumbram com a paisagem retornam, muitas vezes trazendo outras pessoas que, ao ouvirem tantos relatos bons sobre o lugar, acabam por criar expectativas que podem - ou não serem supridas. Diante disso, o sentimento proveniente da idealização não é suficiente para satisfazer o geógrafo humanista que busca o sentimento da experiência.

Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista; para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar. (TUAN, 1982)

Diante de situações de adversidades – como no caso da pandemia, os artistas letrenses assim como os profissionais do turismo tiveram suas atividades paralisadas, e com isso as necessidades básicas de sobrevivência foram comprometidas pela ausência de trabalho. Começaram com arrecadação de rifas para ajudar aqueles cuja única fonte de renda vinha dos visitantes, e com a Lei Aldir Blanc (nº 14.017 de 29 de junho de 2020) surgiu a necessidade da criação da AMA, na qual Fábio é um dos representantes e responsável por lidar com a documentação e auxiliar artistas independentes na elaboração dos editais. Além do auxílio recebido pela lei, a Associação surge com objetivo de trazer melhorias para as condições de trabalho dos músicos, até então muito precárias, como relembra o artista:

“Os bares não têm estrutura, então o músico além de fazer o show tem que trazer próprio equipamento então é um corre danado (...) aqui a gente tem esse problema de que o bar não cobra pra entrar e o bar só depende da consumação do cliente que muitas vezes compra a cerveja no mercado pra não consumir no bar e a gente depende desse consumo pra pagar a banda. Aos bares não tem esse mecanismo e a prefeitura pode dar uma ajuda nessa parte cultural e a AMA justamente surge disso, de sanar esses problemas para que isso seja organizado de uma maneira bacana para todos.” (Entrevista nº 5, Fábio Plumari, entrevista realizada em 7 de outubro de 2020)

Quanto a mineração, a posição do artista se difere em muitos pontos do extrator e do vice-prefeito; ele reconhece a importância da atividade na forma de vida das pessoas que dela dependem, mas se atenta principalmente aos impactos negativos visíveis causados pelas explosões – justamente no momento em que tocamos no assunto, o entrevistado é interrompido por um desses tremores.

“...como é difícil todas as pessoas que pararam suas atividades do nada, então seria a mesma coisa falar de uma forma agressiva pra um cara que tá há trinta anos fazendo a mesma coisa, por mais agressiva e errada que seja a atividade ela sustenta a família do cara. Antigamente não conheci mas imagino que não era tão agressivo, mas eram outros tempos, outros conhecimentos, hoje nós temos conhecimento sobre os impactos como influencia. Tem um livro muito legal do Davi Kopenawa que chama ‘A queda do céu’ em que ele fala que se os minerais esses recursos estão lá, estão lá por um motivo, e se a gente tira tudo

lá são essas coisas que sustentam o céu e o céu pode cair. ” (Entrevista nº 5, Fábio Plumari, entrevista realizada em 7 de outubro de 2020)

5.2.6 Patrimônios

O segmento patrimônios foi o único a ser anexado à pesquisa posterior aos estudos de campo, e se justifica pela urgência com que se dá a preservação e o registro dos patrimônios – sejam eles arquitetônicos como o caso do Centro Histórico sejam imateriais no caso das festas tradicionais.

Para realização de tal entrevista, conversamos com quem melhor entende sobre o assunto na região: Carla D’auria Alfonsina, historiadora, pesquisadora em estudos etnográficos, moradora há vinte anos.

O encontro com Carla foi uma aula de história não apenas sobre São Thomé, mas sobre a realidade vigente em todo território brasileiro. Sua dissertação de mestrado em estudos etnográficos em São Thomé das Letras é uma referência base para os que buscam estudar a região – não diferente disto, o presente trabalho também conta com colaborações dela.

Enquanto me traz uma xícara de café, Carla se lembra da defesa que foi em 2000, ano aproximado em que se mudou para a cidade. Naquela época o turismo já ocupava um espaço significativo, ainda que não fosse o turismo de massa como é hoje. Muitas são as mudanças observadas – e registradas pela historiadora. Segunda ela, “com relação ao turismo foi uma atividade que se intensificou muito nesses últimos vinte anos, hoje não tem um final de semana que não temos quatro, cinco ônibus fora os carros. ”

O adensamento do turismo trouxe novas dinâmicas e problemas, como o aumento exacerbado do núcleo urbano e as construções irregulares e em áreas proibidas. Carla propõe que aja maior fiscalização quanto as edificações, especialmente aquelas próximas a patrimônios tombados – a isto, ela atribui também as imediações do Parque Antônio Rosa, registrado em 2003. Carla se lembra que o objetivo do tombamento do Parque era, justamente, impedir a intensificação das construções no topo do morro.

“...então antes a gente tinha uma cidade um pouco mais esparramada com alguns vazios e as edificações normalmente de um pavimento, em alguns casos dois pavimentos e nos últimos vinte anos a gente vê o terceiro e as vezes até o quarto pavimento já aparecendo. Os espaços vazios no caso os quintais de casas por exemplo eles foram fazendo um ‘puxadinho’ aqui um ‘puxadinho’ ali, e a gente

vai vendo a formação desses ‘corticinhos’ dentro da cidade, você vê uma portinha e nem imagina quantas casas tem lá dentro!”

(Entrevista nº 6, Carla D’auria Alfonsina, realizada em 25 de setembro de 2020)

A verticalização é um movimento proveniente da intensificação do turismo, com a necessidade de atender ao número de visitantes e também garantir uma renda extra, os moradores começaram a investir nestes “puxadinhos” a que Carla se refere. Vinculado as explosões da mineração, os impactos se tornam mais visíveis – e especialmente mais sensíveis com os tremores.

Quanto a mineração, Carla reforça o que foi obtido nas pesquisas de campo quanto a modernização das técnicas a partir dos anos 70 consoante com a produção em massa e em menor tempo. Concomitante a este processo, ela reflete sobre o abandono das jazidas pela população mais jovem e a chegada de mão de obra externa.

“Uma coisa muito expressiva que aconteceu em relação a mineração: a entrada de trabalhadores de fora ne, porque se no século passado a gente tinha a grande maioria dos jovens, dos rapazes, dos senhores, até dos mais velhinhos trabalhando na mineração aqui, o que a gente vai ver nesses últimos vinte anos? Com o crescimento do turismo esses jovens começam a abandonar as frentes de lavra em busca de uma vida melhor, né? Então muitos saem pra estudar, outros passam a se dedicar ao turismo pois passa a ter essa demanda muito maior por causa do turismo” (Entrevista nº 6, Carla D’auria Alfonsina, realizada em 25 de setembro de 2020)

Quando questiono seu ponto de vista sobre as ações municipais, Carla enxerga um tremendo descaso e falta de controle, seja sobre os patrimônios ou pelo turismo; ainda que este último tenha surgido de forma orgânica, não há fiscalização nos meios de hospedagem e uma fraca vigilância sanitária.

A reputação que a cidade recebeu de “terra sem lei” não é ao acaso, ao mesmo tempo que tal reputação atrai visitantes que somente querem aproveitar o contato com belezas naturais, um perfil de visitantes que incomoda moradores da área rural como Carla é aquele com más intenções, ou que enxerga em São Thomé a possibilidade de usar quaisquer entorpecentes (ilegais ou não) sem precedentes. Diante disso, a historiadora se demonstra preocupada com o futuro de uma cidade tão pequena nas mãos do tráfico e cobra postura das autoridades locais.

“...moradores lá de cima (imediações do Parque) que relatam ouvir tiros como toque de recolher, então a gente tá falando de cenas de favela do RJ, SP se repetindo numa cidade de sete mil habitantes. Então acho que isso é uma coisa

gravíssima, quantos meninos nativos de São Thomé presos em três corações por venda de drogas? Esses meninos foram aliciados, eles entraram nisso aí por abandono: abandono da sociedade, abandono do poder público que devia tá aí zelando, né, poxa, se 'cê' é prefeito do lugar e sabe que determinado estabelecimento comercial é fachada para venda de crack, você vai continuar dando alvará pra esse estabelecimento continuar funcionando? Então acho que realmente o poder público peca muito nesse sentido".

(Entrevista nº 6, Carla D'auria Alfonsina, realizada em 25 de setembro de 2020)

Diante de tantos problemas debatidos, pergunto a Carla se ela acredita que ainda há esperança de uma conciliação entre mineração e turismo.

"...eu acredito que elas podem ser inclusive complementares. Tanto o turismo se apropriando de antigas cavas, de locais de extração mineral, até das próprias pedreiras em atividade (...). É algo que exige planejamento, roteirização, PI, o condutor deve tá habilitado pra conduzir um grupo em local de difícil acesso. A cidade poderia ser um show room da mineração se houvesse um fomento de usar os próprios produtos até do reaproveitamento desse material. "

(Entrevista nº 6, Carla D'auria Alfonsina, realizada em 25 de setembro de 2020)

Muitos foram os problemas apontados pela entrevistada, e também, muitas propostas. Algumas delas até se encontram com as propostas dadas pelo prefeito em integrar a mineração ao turismo, no entanto, os relatos de ambos se diferem na maioria dos pontos. A experiência da historiadora com os estudos relacionados à patrimônios e cultura é um fator importante no entendimento de seu senso crítico, experiência essa que Tomé desconhece. Porém, o saber de um não pode ser sobreposto ou mais valorizado que o outro, uma vez que, enquanto uma dedicou-se aos estudos etnográficos, o outro vivenciou diferentes dinâmicas territoriais em São Thomé na prática cotidiana.

Para Carla, o futuro de São Thomé é questionável se as propostas como estas destacadas por ela e por outras lideranças não forem colocadas em prática, e finaliza dizendo que, caso nada seja feito, "é uma cidade que tem de a ficar doente".

A partir da perspectiva humanística, conseguimos compreender que a reflexão filosófica é o que difere os seres humanos de outros animais; todos os animais são capazes de se expressarem, e ainda que se possa ensinar um chimpanzé a pintar, a literatura e a arte são atividades exclusivamente humanas. (TUAN, 1983).

Se tudo que envolve cultura são atividades exclusivamente humanas, assumimos o conceito de cultura como uma construção, e não como algo estável; como herança, mas também como visão de futuro que reage a esta herança.

A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança: eles reagem àquilo que lhes é proposto ou que se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam, ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer, atribuem cores novas aos seus sonhos e aos seus pesadelos, e criticam os valores usuais quando estes não correspondem às suas aspirações profundas. (CLAVAL, 2007, p. 13)

A cultura enquanto uma condição imposta por valores estritamente humanos, é capaz de reagir de formas distintas a tais valores, moldando-os de acordo com os acontecimentos vividos durante o tempo. Sendo assim, torna-se questionável o julgamento de certas morais sem ao menos refletirmos sobre a realidade imposta por aquela cultura naquele recorte temporal.

5.2.7 PROPOSTAS

Identificando os problemas apresentados pela comunidade e membros de suas lideranças, analisamos algumas propostas que podem ser levantadas a partir do futuro plano diretor e outras ações municipais, bem como aquelas que podem ser realizadas pelo coletivo de moradores.

- Execução do plano de Manejo e unificação da APA Cantagalo e APA São Thomé,
- Delimitação do Parque Antônio Rosa e outras áreas de campos rupestres para fins de preservação;
- Realização da “Feira da Pedra” com o objetivo de estimular a produção pelas empresas extratoras locais e vincular turismo e mineração;
- Fiscalização das condições de Patrimônios tombados e reconhecimento dos patrimônios imateriais (eventos religiosos, festivais e festas tradicionais);
- Maior efetividade das leis do código de edificação afim de evitar a verticalização e a construção de obras em áreas protegidas ou de risco;
- Limitação do número de visitantes em feriados a partir de um sistema efetivo de reservas realizado com segurança, gerando empregos para os trabalhadores da fiscalização;
- Canais de acessibilidade nos pontos turísticos para pessoas portadoras de deficiência física ou idosos

- Reconhecimento da população artista a partir da delimitação de espaços seguros para os artesãos exporem seus trabalhos, como era antes com a feira de artesanato;
- Melhorias na estrutura do posto de saúde como: adquirir soros contra animais peçonhentos, equipamentos de Raio-x e material para realização de procedimentos urgentes;
- Investimento em estrutura para festivais gastronômicos e musicais (como o *Fenac* e o *Woodgothic*) a fim de ampliar o público-alvo do turismo letrense e movimentar a economia local para além dos feriados;
- Estimulo da presença dos artistas locais (músicos, artesão, atores) nas decisões municipais, escutando a opinião destes a fim de valorizar a classe artística e propor melhorias para a condição de sua profissão;
- Fiscalização efetiva especialmente dos pontos turísticos e do centro urbano;
- Divulgação e inclusão das festas tradicionais ao circuito turístico Vale Verde e Quedas D'água para maior valorização da cultura local;
- Disponibilidade de cursos gratuitos para produtores autônomos do âmbito rural, enriquecendo ainda mais a feira de orgânicos e a agricultura familiar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem cultural de São Thomé é diversa e traz em sua totalidade traços de tempos distintos além de elementos culturais absorvidos e recusados por uma série de ações unicamente humanas.

Mesmo que de formas tão adversas, os sentimentos dos moradores em relação a cidade estão conectados pela sua experiência com o espaço – que deixa de ser somente um espaço para se tornar um lugar simbólico; desta forma, a geografia humanística não pretende subjugar a ciência, mas sim, complementa-la com aquilo que é invisível ao olhar, mas palpável à reflexão.

A capacidade de reflexão que é concebida somente ao ser humano também o torna capaz de construir e reconstruir sua própria história, repensando ações passadas para melhor prever ações futuras.

Nossas considerações iniciais nesta pesquisa eram: em uma cidade com a economia baseada nas atividades de mineração e turismo, uma atividade se sobressairá a outra, de forma que em algum momento a convivência entre ambas será inconcebível.

No entanto, esta pesquisa em seu estágio empírico refutou tal consideração ao concluir que essa relação já ocorre e que ela gera consequências na vida dos moradores que, a partir de uma vivência atrelada ao sentimento em relação ao lugar, procuram transformar a realidade a qual estão inseridas.

Enquanto nativa e pesquisadora da paisagem cultural letrense, acompanhei empiricamente as mudanças contrastadas neste trabalho e sua influência no cotidiano dessa população – pouco numerosa, e talvez por isso, essencialmente unida ao que diz respeito as decisões de interesse social e político.

Tal condição a mim atribuída possibilitou a conexão com essas lideranças – uma vez conhecendo sua história, reconheço em seus relatos as motivações e sentimentos que cada um associa à paisagem local, e em como ela é modificada e transformada por estas pessoas.

Seja pela inserção na política, na associação de artistas ou na recepção dos visitantes, cada indivíduo da comunidade age de acordo com suas necessidades, virtudes e desejos que colaboram na configuração de uma paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, TOMÉ R. **Entrevista com liderança política**. Entrevistadora: Maria Sarah Conca [set. 2020], São Thomé das Letras, MG.

CONSTÂNCIA, Francisca I. **Entrevista com liderança do turismo**. Entrevistadora: Maria Sarah Conca [out. 2020], São Thomé das Letras, MG.

D'AURIA, CARLA A. **Entrevista com liderança de Patrimônios**. Entrevistadora: Maria Sarah Conca [set. 2020] , São Thomé das Letras, MG.

MARTINS, Silvio B. **Entrevista com liderança religiosa**. Entrevistadora: Maria Sarah Conca [out. 2020], São Thomé das Letras, MG.

MEDEIROS, Tomé V. **Entrevista com liderança mineradora**. Entrevistadora: Maria Sarah Conca [set. 2020], São Thomé das Letras, MG.

PLUMARI, Fabio A.M. **Entrevista com liderança artística**. Entrevistadora: Maria Sarah Conca [out. 2020], São Thomé das Letras, MG.

BARBOSA, Michele Cristina Rufino. **Avaliação sistêmica de tecnologias aplicáveis ao APL**. Lagoa Santa, 2008.

BARRETTO, M. (1991), **Planejamento e organização do turismo**, Campinas, Papirus.

BONNEMAISON, J. "Viagem em torno do território". In: Rosendahl, Z. e Corrêa, R.L.(orgs). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1981.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

CARDOSO, I. C. C. **O espaço urbano e a re-produção das relações sociais no pensamento de Henri Lefebvre: contribuições à teoria social crítica**. Libertas - Revista da Faculdade de Serviço Social, Juiz de Fora, v.11 n.2. 2011.

CHIODI FILHO, C. **Aspectos técnicos e econômicos do setor de rochas ornamentais**. Lisboa. Rochas e Equipamentos, n. 51, p. 84-139, 1998.

CLAVAL, P. Introdução; **Gênese e evolução das interpretações culturais na geografia**. p.9-40. In: CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. 3.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural: um balanço**. Revista Geografia (Londrina), v.20, n. 3 p. 005-024, set/dez. 2011.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL, Título VII, Cap. II. Artigo 182. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2020/art_182_.asp#:~:text=182.,bem%2Destar%20de%20seus%20habitantes >Acesso em 21 de outubro de 2020>

CORIOLOANO, L. N. M. T.; NEIDE, Luzia. **Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. América Latina: cidade, campo e turismo**, organizado por Amalia Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo y María Silveira, p. 367-378, 2006.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura, EdUERJ, Rio de Janeiro, p.92-123, 1988.

CRUZ, Rita de Cássia Arida da. **O Nordeste que o turismo (ta) não vê**. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo. Modernidade. Globalização. São Paulo: Hucitec, 1997.

D'Auria, C. A. **São Thomé das Letras na encruzilhada das fontes, dos tempos e dos saberes : um estudo sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais I** Carla Alfonsína D'Auria.- Campinas, SP: [s.n.], 2000.

DE LA TORRE. Oscar . **El turismo- fenómeno social** México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde / Ministério da Saúde do Brasil, Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil; organizado por Elizabeth Costa Dias ; colaboradores Idelberto Muniz Almeida et al. – Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

FEAM. **Plano de ação para a sustentabilidade do setor de rochas ornamentais** –

quartzito - São Thomé das Letras. Belo Horizonte: Fundação Estadual do Meio Ambiente, 2009.

FERNANDES, Francisco Rego Chaves; ENRIQUEZ, Maria Amélia; ALAMINO, Renata de Carvalho Jimenez (Eds.). **Recursos Minerais e Sustentabilidade Territorial:** v. 2, p.115-138. Grandes Minas e Comunidades Locais, CETEM/MCTI, 2011. Disponível em: http://www.cetem.gov.br/publicacao/livros/Vol_1_GRANDES_MINAS_TOTAL.pdf

FLEICHSCHER, D. I. R. **São Thomé das Letras e Lagoa Santa: mineração, turismo e risco ao patrimônio histórico e natural.** Caderno de Campo, São Paulo n. 14/15 p. 1-382, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GIULIETTI, A.M. & PIRANI, J.R. 1988. **Patterns of geographic distribution of some plant species from the Espinhaço Range, Minas Gerais and Bahia, Brazil.** In Proceedings of a workshop on Neotropical distribution patterns (P.E. Vanzolini & W.R. Heyer, eds.). Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, p.39-69.

GIULIETTI, A.M., PIRANI, J.R. & HARLEY, R.M. 1997. **Espinhaço Range region, eastern Brazil.** In **Centres of plant diversity: a guide and strategy for their conservation** (S.D. Davis, V.H. Heywood, O. Herrera-MacBryde, J. Villa-Lobos & A.C. Hamilton, eds.). Information Press, Oxford, v.3, p.397-404.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciencias sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2004. (8).

GUIMARÃES, S.T. L. **Aspectos da percepção e valoração de paisagens do Núcleo Santa Virginia, Parque Estadual da Serra do Mar, (SP), Brasil.** Olam: Ciência & Tecnologia (Rio Claro. Online), v. 11, p. 228-249, 2011.

IBGE. **Censo demográfico de 2010.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/cidades>. Acesso em 10 de setembro de 2020

MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem.** Curitiba, n.8, p. 83-

91, 2004. Editora UFPR

MENDONÇA, F.; VENTURI, L. A. B. A. **Geografia e metodologia científica: da problemática geral às especificidades da Geografia Física**. Revista Geosul (ed. especial), Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 63-70 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RA Schier - Raega- **O Espaço Geográfico em Análise**, 2003 - revistas.ufpr.br

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço, cultura e religião: dimensões de análise**. p.187-224. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SAUER, C.O. **A Morfologia da Paisagem**. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; SILVEIRA, E. L. D. **Paisagem: um conceito chave em Geografia**. In: EGAL12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevideu. EGAL2009, 2009.

SOCIEDADE BRASILEIRA EUBIOSE. A Sociedade. Disponível em: > <http://www.eubiose.org.br> < Acesso em 10 de setembro de 2020.

SOLHA, K. T. (2002), “**Evolução do Turismo no Brasil**”, in: Rejowski, M. (org.) **Turismo no percurso do tempo**, Editora Aleph, São Paulo.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **A Cultura é de Todos (Culture is Ordinary)**. 1958. Tradução de Maria Elisa Cevalco. Departamento de Letras da USP.

ANEXO I - TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”****Termo de concessão do uso de entrevista**

Eu, _____, Documento de identidade nº _____, reconheço o objetivo do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia “Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG: uma perspectiva sobre paisagem”, defendido no ano de 2020. Desta forma, estou ciente da necessidade das entrevistas para realização desse trabalho e autorizo o uso de minha entrevista para fins acadêmicos especificados acima.

São Thomé das Letras - MG, ____ de _____ de _____.

(Assinatura da pesquisadora responsável)

(Assinatura do entrevistado)

Curso de Geografia - Câmpus de Ourinhos

Av. Renato da Costa Lima, 451 - Ville de France - Ourinhos/SP - CEP 19903- 302

Telefone: (14) 3302-9500

ANEXO II – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA ASSINADOS**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"****Termo de autorização do uso de entrevista**

Eu, CARLA ALFONSINA D'AURIA, Documento de identidade nº M3197850, reconheço o objetivo do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia "Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG : uma perspectiva sobre paisagem cultural", defendido no ano de 2020. Desta forma, estou ciente da necessidade das entrevistas para realização desse trabalho e autorizo o uso de minha entrevista para fins acadêmicos especificados acima.

São Thomé das Letras - MG, 25 de SETEMBRO de 2020Maria Sarah Corca Parade

(assinatura da pesquisadora responsável)

Carla Auria

(assinatura do entrevistado)

Curso de Geografia - Câmpus de Ourinhos

Av. Renato da Costa Lima, 451 - Ville de France - Ourinhos/SP - CEP 19903- 302

Telefone: (14) 3302-9500



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Termo de autorização do uso de entrevista

Eu, Silvio Braz Martins, Documento de identidade nº RG 4.530.609/1, reconheço o objetivo do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia "Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG : uma perspectiva sobre paisagem cultural", defendido no ano de 2020. Desta forma, estou ciente da necessidade das entrevistas para realização desse trabalho e autorizo o uso de minha entrevista para fins acadêmicos especificados acima.

São Thomé das Letras - MG, 7 de outubro de 2020.

Maria Sarah Correa Penede
(assinatura da pesquisadora responsável)

Silvio Braz Martins
(assinatura do entrevistado)

Curso de Geografia - Câmpus de Ourinhos
Av. Renato da Costa Lima, 451 - Ville de France - Ourinhos/SP - CEP 19903- 302
Telefone: (14) 3302-9500



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Termo de autorização do uso de entrevista

Eu, Fabio Augusto Monteiro Penna, Documento de identidade nº 41.575.591-8, reconheço o objetivo do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia "Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG : uma perspectiva sobre paisagem cultural", defendido no ano de 2020. Desta forma, estou ciente da necessidade das entrevistas para realização desse trabalho e autorizo o uso de minha entrevista para fins acadêmicos especificados acima.

São Thomé das Letras - MG, 7 de Outubro de 2020.

Maria Sarah Cona Parede

(assinatura da pesquisadora responsável)

Fabio
(assinatura do entrevistado)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Termo de autorização do uso de entrevista

Eu, Tomé Valtom Medeiros, Documento de identidade nº 1616 811 634, reconheço o objetivo do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia "Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG : uma perspectiva sobre paisagem cultural", defendido no ano de 2020. Desta forma, estou ciente da necessidade das entrevistas para realização desse trabalho e autorizo o uso de minha entrevista para fins acadêmicos especificados acima.

São Thomé das Letras - MG, 29 de setembro de 2020.

Maria Sueli Conca Parede
(assinatura da pesquisadora responsável)

Tomé Valtom Medeiros
(assinatura do entrevistado)

Curso de Geografia - Câmpus de Ourinhos
Av. Renato da Costa Lima, 451 - Ville de France - Ourinhos/SP - CEP 19903- 302
Telefone: (14) 3302-9500



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Termo de autorização do uso de entrevista

Eu, Francisca Rabel Constantina, Documento de identidade nº M-8.072.37 reconheço o objetivo do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia "Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG : uma perspectiva sobre paisagem cultural", defendido no ano de 2020. Desta forma, estou ciente da necessidade das entrevistas para realização desse trabalho e autorizo o uso de minha entrevista para fins acadêmicos especificados acima.

São Thomé das Letras - MG, 09 de Outubro de 2020.

Maria Sandra Lanza Pardo

(assinatura da pesquisadora responsável)

Francisca P. Constantina

(assinatura do entrevistado)

Curso de Geografia - Câmpus de Ourinhos

Av. Renato da Costa Lima, 451 - Ville de France - Ourinhos/SP - CEP 19903-302

Telefone: (14) 3302-9500



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Termo de autorização do uso de entrevista

Eu, Thaís de Oliveira, Documento de identidade nº 20.112.916, reconheço o objetivo do Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia "Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG: uma perspectiva sobre paisagem cultural" defendido no ano de 2020. Desta forma, estou ciente da necessidade das entrevistas para realização desse trabalho e autorizo o uso de minha entrevista para fins acadêmicos especificados acima.

São Thomé das Letras - MG, 21 de Setembro de 2020.

Maria Gabriela Pires Paredi
(assinatura da pesquisadora responsável)

Thaís de Oliveira
(assinatura do entrevistado)

Curso de Geografia - Câmpus de Ourinhos
Av. Raulo da Costa Lima, 451 - Ville de France - Ourinhos/SP - CEP 19900-300
Telefone: (14) 3302-5500

APÊNDICE – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevista nº 1 - Setor Político

Entrevistado: Tomé Reis Alvarenga

Nativo, ex-minerador e atual vice-prefeito de São Thomé das Letras.

A cidade possui um plano diretor?

Olha tem um plano diretor, só que ele foi muito malfeito, na época “fizeram só ‘pra’ completar” mesmo

A gente precisa atualizar ele agora, venceu em 2020 mas com essa pandemia não tinha nem como a gente pensar em fazer a atualização, é o próximo passo e deve ser feito...buscamos até parcerias (ele me convida neste momento a estimular um convenio com a universidade para realização desse projeto).

Quais expectativas você vê para o plano de turismo em STL (São Thomé das Letras)

e o que não pode faltar neste novo plano diretor? O turismo ‘pra’ stl por exemplo eu digo que não é 90% da renda do município, mas 90% dos moradores tiram renda do turismo, então assim a gente tem que trazer principalmente a questão da preservação do meio ambiente, a gente tem que buscar muito isso, o plano de manejo das cachoeiras (o da APA já está em andamento, feito junto a UFLA). Temos que preservar o turismo pois sem organização ele pode destruir ainda mais que a mineração. Precisamos orientar, organizar ele ‘pra’ ser uma fonte duradoura.

Como você vê o futuro da atividade mineradora? Acredita que por conta do turismo ela pode diminuir ou se manter?

Eu vejo com bons olhos a manutenção dela, acredito que não pode acabar. Por exemplo em período de pandemia, o turismo ‘tá’ fechado, é a pedreira que ‘tá’ sustentando a cidade. Então assim, acho que a gente tem que ter duas ou mais fontes de renda para qualquer crise que vier você ter uma saída, hoje a pedra ‘tá’ com uma venda muito boa e é o que ‘tá’ sustentando a cidade. A gente ‘tá’ conseguindo passar esses quase sete meses sem turismo por causa da pedreira. Sem ela seria impossível, então eu vejo que temos que organizar ela de forma que não seja tão predatória e que deixe mais renda no município, porque hoje ainda tem o defeito de ter muita mão de obra de fora, por aqui não ter mão de obra suficiente, talvez devêssemos regularizar ela internamente.

Isso quer dizer ter mais mineradoras locais?

Isso, mais mineradoras locais, ou menos mineradoras de fora.

Como está o andamento dos concursos públicos para cá? (São Thomé)

Olha São Thomé é uma cidade diferente das outras né, o último concurso público aqui foi se não me engano em 1998, de lá pra cá foram só promessas, ninguém quis “pôr a mão na massa” e fazer o concurso mesmo. Nesse mandato eu fiz tudo que podia fazer ‘pra’ acontecer o concurso mas ficamos agarrados na justiça federal pelo piso dos dentistas. O município não tem renda ‘pra’ contratar os dentistas, tentamos deixá-los de fora do concurso mas a justiça não aceitou, mas pode acontecer a qualquer momento

Você acha importante a capacitação voltada para o turismo?

Sim com certeza, a gente tem que capacitar os guias, os empresários, a gente ainda falta crescer muito o turismo rural que eu acho que é uma área que tem muito a crescer pois a maioria dos nossos pontos estão na área rural, então a gente tem que trazer vários cursos com o SENAI, SEBRAE e as universidades e evitar também o êxodo rural que também é um problema, as roças “vão acabando”

A igreja católica ainda é bem presente na região e fundadora da cidade, suas festividades são respeitadas, ainda que muito tenha se perdido. O que podemos fazer juntos, população e gestão municipal, para resgatar essas tradições (ex: folia de reis, festa de são joao, etc) ?

Recentemente a gente tem feito os encontros de folia de reis, é uma tradição antiga que não pode acabar, teve um momento em que ela ficou praticamente findada, com uma ou duas folias só mas nos últimos anos temos fomentado sim, e tem outros como o congado por exemplo que as crianças mal conhecem e é uma tradição antiga vinda dos escravos. Ano passado fizemos na festa da rua de baixo e trouxe uma congada da cidade vizinha e foi muito interessante ver os olhos das crianças curiosas e jovens que nunca viram o congado. Temos que fomentar esse tipo de atividades.

Como você enxerga essas duas atividades (mineração e turismo)? Você acha que pode existir um equilíbrio entre essas duas atividades de forma benéfica para o morador e turista?

Sim, eu vejo que dá ‘pra’ trabalhar muito bem as duas, porque muitos turistas vem ‘pra’ stl tem a pedra são Thomé em casa e não sabe que é daqui. Tem ela na borda da piscina,

na escada na varanda e não sabe que é daqui, qual o objetivo? Nós termos um banco de pedra voltado 'pro' turismo, em feriado, ele está funcionando pra pessoa ver como cortam os filetes, recentemente o Lula deu uma entrevista com uma parede de pedra atrás dele, muita gente não sabe de onde vem. Vejo que tem que fazer a feira da pedra, mostrar 'pro' turista que vê a parte da extração somente como um mal, não é só degradar, por trás daquele trabalho tem uma família sendo sustentada. Tem grupos vivendo daquilo, não podemos esquecer que São Thomé só existe por causa da mineração. O que as pessoas iam fazer no alto da serra em cima de uma pedra se não fosse 'pra' extrair? Não dava 'pra' plantar. A mineração é a origem de tudo, não dá 'pra' acabar não.

Fim da entrevista (21/09/20).

Entrevista nº 2 – Setor Turismo

Entrevistada: Francisca Izabel Constância

Nativa, recepcionista da Pousada Arco Iris há quase 30 anos.

Nesse tempo o turismo mudou muito?

Sem dúvida nenhuma, mudou muito mesmo, e vem mudando, né

Você acredita que o turismo e mineração consegue conviver em São Thomé?

A mineração antigamente era a principal atividade econômica na cidade, mas a ideia seria turismo e extração de pedra caminharem juntos, particularmente eu acho que a pedreira está destruindo São Thomé eu escuto muito isso dos hóspedes cada vez eu escuto de hóspedes que vem há quinze anos eles perguntam “a montanha não estava devastada quando vínhamos”.

Você acha que mudou esse perfil de turista que vem para a cidade? Desde a época que comecei a trabalhar com turismo até os dias de hoje mudou muito o perfil dos turistas que vem pra stl. Antes eram mais famílias ne, agora vem mais jovens. Vem família ainda, mas costumam ser minoria.

Você acredita que, se fosse feito diferente, turismo e mineração poderiam evoluir juntos?

Com certeza, mas a gente sabe que isso não acontece. Era o ideal, mas não acontece

Há incentivo do turismo por parte da prefeitura?

Eu vejo que não há incentivo nenhum, sinceramente deixa a desejar. Você vê os pontos turísticos, é uma coisa muito repetitiva. Todo fim do feriado você vê que são as pessoas que amam São Thomé que vão lá e limpam, tiram lixo que fica na cidade. Todos moradores, eu diria que são pessoas que amam que cuidam e lutam pela montanha. Eu nasci aqui né, e outro dia fui caminhar ali próximo a pedra furada e fiquei chocada com o que vi. Fiquei chocada com a destruição, São Thomé está chegando ao ponto de se tornar a Cidade do Era: aqui era uma pedra, aqui era uma gruta. Tudo fica na lembrança, isso me deixa muito triste. A maioria das pessoas que destroem são empresários que nem são daqui, não investem nada aqui. Eles não doam, não ajudam em nada: só retiram e vão embora

Eu conheço proprietário de mineração que vem aqui, entra de jatinho nas pedreiras 'pra' não pisar na cidade, a maioria dos escritórios ficam em TC, Varginha. Eu costumo dizer que São Thomé sozinho ele abrange toda região, pois eles tiram daqui 'pra' gastar lá fora, nem os impostos ficam aqui. Essa é a realidade de São Thomé, tá virando comércio até os pontos turísticos. O que vem de graça eles estão cobrando, as pessoas compram terreno que tem cachoeira e começam a cobrar entrada da cachoeira. A natureza tem dono? A natureza é de quem cuida dela. E eu volto a pergunta pra você: a prefeitura tem feito algo pelo turismo em São Thomé? Não. Muito menos pelos moradores. Mineração e turismo poderiam caminhar juntos, mas não acontece. E quem tenta fazer algo diferente disto, a gente sabe o que acontece.

Fim da entrevista (09/10/20).

Entrevista nº 3 – Setor Religião

Entrevistado: Silvio Braz Martins, setor administrativo da casa Paroquial. Morador há 15 anos

Qual a sua ocupação na casa paroquial?

Aqui no escritório paroquial a minha parte é administrativa, então eu trabalho com documentos, batizados, casamentos...então tudo que diz respeito a área administrativa, eu sou responsável

Há quanto tempo exerce essa função?

Aqui na casa paroquial estou há quinze anos. Eu sou de Itajubá, MG mesmo né, mas morei um tempo em três corações e consegui esse trabalho em São Thomé, já faz quinze anos. Sou quase nativo, né? Risos

E como você vê a importância das festividades religiosas numa cidade como São Thomé?

Tradicionalmente estas festas acontecem há mais de 150 anos, principalmente aqui em São Thomé, porque São Thomé é tradição, enquanto muitas cidades grandes a tradição já acabou, aqui em Minas e especialmente em São Thomé a tradição é muito grande da Semana Santa, nossa Senhora Aparecida, a tradicional festa do padroeiro São Thomé, a festa de agosto também é muito tradicional, era da igreja antigamente. Então a festa religiosa, ela além de trazer a cultura, ela envolve muita coisa. Festa Junina, leilão de gado, rifas...muita coisa da tradição é resgatada nesses eventos como a semana Santa que está sendo resgatada agora como era antigamente.

A prefeitura tem exercido seu papel na reforma e preservação dos patrimônios tombados? (Casa Paroquial, a Igreja Matriz, etc).

Olha a prefeitura tem se importado sim, não posso dizer que eles não têm olhado, a questão não está na prefeitura, mas no Estado. Pois é um bem tombado então as verbas, dinheiro 'pra' reforma vem do Estado e por isso a gente depende muito de documentação, as vezes a gente faz um pedido daí de repente tem que fazer outro porque venceu o prazo...então com essa mudança politicamente falando de prefeito, de governador, isso as vezes atrasa e atrapalha porque a gente depende desse dinheiro não só pra reforma porque a questão da reforma, o que a gente quer é resguardar aquilo que é antigo, que é bonito, que é bom de se ver! Enquanto muitos lugares não existem mais. 'Pra' você ver, a nossa igreja matriz por exemplo ela tem uns desenhos antigos do Fatineti que foi um dos discípulos de Aleijadinho, quer dizer, nossa cultura é muito grande. A gente quer resguardar tudo isso, estamos fazendo essa reforma por isso (reforma da casa paroquial).

Você acredita que a atividade das mineradoras e do turismo influenciam nas condições desses patrimônios?

Sim, o impacto por causa das pedreiras geralmente, a gente vê pelas rachaduras, o telhado mesmo é muito antigo e nunca foi trocado e o que acontece, com as bombas que eles soltam nas pedreiras eles causam rachaduras. E nossa igreja é de pedra, e ainda

assim causam rachaduras. Esse telhado é original, durou muito tempo, agora precisara ser trocado.

Qual a data de finalização da construção dessa igreja?

Começou a ser construída em 1728, foi terminada em 1830, os escravos que iniciaram as obras delas, acredito que o valor histórico é muito grande por causa disso: foi feito por mãos de pessoas que carregaram pedras por todas essas subidas, então 'cê' imagina o trabalho envolvido nisso.

Fim da entrevista. (07/10/20)

Entrevista nº 4 – Setor Mineração

Entrevistado: Tomé Valtenir Medeiros

Nativo, representante da COOPEDRA, minerador.

Há quanto tempo atua aqui na coopedra?

Aqui na coopedra há quinze anos, mas antes de ser coopedra já trabalhei aqui desde os doze. Ou seja, são quarenta anos trabalhando na pedreira

Você já trabalhou em outras pedreiras aqui?

Já sim, todas no município de São Thomé. Já trabalhei na Pelúcio, no Vilas Boas...

A gestão municipal atual tem dado suporte para os trabalhadores da mineração?

Tem dado sim, no que depender deles de alvará, documentação eles dão suporte nesse sentido, sim.

E como funciona essa renovação de alvará? É anual?

Isso, anual. Todo mês de janeiro temos que renovar, sem o alvará não funciona

Mais alguém da sua família trabalha na mineração?

Hoje não, sou só eu, mas tem uns que já trabalhou, outros aposentaram, família assim digo irmãos ne, porque tenho primo, outros parentes que ainda trabalham

Como você enxerga essas duas atividades (mineração e turismo) na economia de São Thomé?

É importante porque veja bem, o turismo é uma fonte de renda que ajuda muita gente que vive aqui dele, e mais pessoas de foram que vieram viver do turismo. E além do

turismo e da mineração tem a zona rural, que emprega muita gente também. Todas elas são importantes

Você acredita que pode existir um equilíbrio entre essas duas atividades de forma benéfica para o morador e turista?

É possível e isso já acontece. É claro que tem a gente sabe que coisas que podem melhorar, mas de acordo com a realidade a gente vai se adaptando.

Existem mineradoras na região que fazem reaproveitamento de rejeitos?

Tem sim, há empresas que aproveitam os rejeitos para fazer brita, areia, vidro...já tem empresas que aproveitam sim.

A maioria das empresas de pedreira vem de fora?

Tem algumas de fora, mas a maioria é daqui, pode ter até alguns que não moram mais aqui, mas são daqui. Na coopedra 99% são locais. Ela é o coração de São Thomé, quando a coopedra fecha a cidade para. E tem muita gente aqui que trabalha com mineração e turismo, eu por exemplo tenho pousada e sou minerador, consegui construir meu negócio com dinheiro da pedreira.

Fim da entrevista (29/09/20)

Entrevista nº 5 – Setor Artes

Entrevistado: Fábio Plumari

Morador há cinco anos, músico e desenhista, representante da AMA (Associação de Músicos e Artesãos).

Quanto tempo você vive em São Thomé?

Faz cinco anos no fim desse ano que estou morando efetivamente em STL, vim primeiro com a minha banda em 2015 e a gente veio fez um show que foi muito legal. Ai a gente voltou pra SP e fez um show que não foi muito legal, voltamos ‘pra’ cá e foi muito mais legal do que o show de SP (risos) fomos conhecendo as pessoas em STL e a gente foi meio que “abduzido pela noite” né, foi mais ou menos isso. A gente até brincava que aqui viemos pra fazer a faculdade do rock ne, era basicamente isso, quando a gente morava em São Paulo marcava só um ensaio por semana, no máximo duas vezes quando tínhamos show mas não vivíamos da música como meio principal. Quando a gente

chegou aqui tinha bandas muito boas que nos deixaram impressionados e fomos conhecendo, aprendendo com essas pessoas e fomos começando a conquistar nosso espaço. Não tínhamos muito investimento não, chegamos com um carro velho e umas roupas do corpo, um equipamento simples e muita vontade de tocar. Acho que uma biografia da Choko Freaks (a banda na qual Fábio é guitarrista e vocalista) seria muito legal!

Como você vê a música e a arte na composição do espaço na cidade? Especialmente do turismo

Olha Sarah, isso é muito legal, porque assim a gente é meio que testemunha ocular de muitas pessoas que planejam né as vezes por anos vir para São Thomé, e aí uma coisa que a gente faz né que as pessoas vem pra ter uma noite divertida, memorável, e a gente faz elas vibrarem junto nos shows! Acho que esse é o grande lance que me chamou 'pra' fazer música aqui como não se fazia em lugar algum! Porque é um trabalho né, óbvio que é um trabalho, mas é muito legal você conseguir conectar-se a esse tipo de energia porque não é uma cidade qualquer, as pessoas planejam vir 'pra' cá, 'pra' ter uma noite como essa né, pra ter uma noite legal com muito rock. Diferente de SP que basicamente você tinha que marcar um lugar, chamar seus amigos e fazer acontecer, e o que acontece em stl é que as pessoas já vêm pela experiência mística e a parte da noite de diversão que acaba sendo uma experiência também, pois a música é um patrimônio cultural de São thome, e o objetivo da ama é reconhecer isso.

De onde surgiu a necessidade de formar a AMA?

Como a gente tá nessa há cinco anos (eu pessoalmente, é claro que é uma cena que ocorre há muito tempo) so que nem a cena nem a gente não existe para o ministério da cultura e do turismo que agora domina essa pasta de forma mais efetiva e começamos a pensar, aí veio o covid e tivemos a ideia de fazer a festa de agosto de modo online e agora estamos num momento difícil, lembro no fds que parou são thome, a cidade fechou e a gente nem sabia que seria a última noite de rock. Tanta gente queria vir pra são thome e não podia, então conversamos sobre fazer lives e aconteceu a festa de agosto e nos deparamos com a necessidade de ter uma associação organizada, pra poder não deixar as coisas não acontecerem da maneira irregular como acontecem (os bares que pagam pouco) mas a galera (turista) já estava satisfeita da forma com que estava sendo feito, os

bares não tem estrutura, então o músico além de fazer o show tem que trazer próprio equipamento então é um corre danado e se o dia não for bom as vezes por exemplo aqui a gente tem esse problema de que o bar não cobra pra entrar e o bar só depende da consumação do cliente que muitas vezes compra a cerveja no mercado pra não consumir no bar e a gente depende desse consumo pra pagar a banda. Aos bares não tem esse mecanismo e a prefeitura pode dar uma ajuda nessa parte cultural e a AMA justamente surge disso, de sanar esses problemas para que isso seja organizado de uma maneira bacana para todos.

Você acredita que a prefeitura colaborou positivamente para a disseminação da arte e a música em stl? Acho que assim em 2017 teve algumas questões como quando teve que parar de ter bateria nos bares, porque realmente tem fases. Tem noites que acabam 2h da manhã que não tem ninguém, tem dias que vai até de manhã e tem gente. Pois é um turismo mais orgânico, a gente não tem como mapear, prever a quantidade de pessoas.

A cidade já sedia vários festivais, a arte em stl é muito importante e parte de uma migração né desde a extração de pedra e agora o turismo que já ocupa boa porcentagem da renda da cidade então pouco a pouco você colocando outras formas de atividades culturais você vai diminuindo esse anseio pela atividade mineradora, até conseguir realocar a profissão.

Como você vê o turismo e a mineração coexistindo em São Thomé?

É difícil, a gente vê isso especialmente na pandemia (som interrompido pelas explosões da pedreira) como é difícil todas as pessoas que pararam suas atividades do nada, então seria a mesma coisa falar de uma forma agressiva 'pra' um cara que tá há trinta anos fazendo a mesma coisa, por mais agressiva e errada que seja a atividade ela sustenta a família do cara. Antigamente não conheci mas imagino que não era tão agressivo, mas eram outros tempos, outros conhecimentos, hoje nós temos conhecimento sobre os impactos e como influencia. Tem um livro muito legal do Davi Kopenawa que chama 'A queda do céu' em que ele fala que se os minerais esses recursos estão lá, estão lá por um motivo, e se a gente tira tudo lá são essas coisas que sustentam o céu e o céu pode cair.

Fim da entrevista (07/10/20).

Entrevista nº 6 – Setor Patrimônios

Entrevistada: Carla D'auria Alfonsina

Moradora, historiadora e pesquisadora.

Quando você começou sua pesquisa a mineração ainda era a atividade econômica principal de São Thomé. O turismo ainda vinha em segundo plano. Você vê muita diferença do turismo e mineração daquela época pra cá? Comecei a estudar São Thomé em 1997, 98 foi meu trabalho de campo aqui, defendi em 2000. Naquela época com relação aos moradores em São Thomé a maioria estava empregada na mineração, sim. Claro que já existia o turismo, não esse turismo de massa e muito turismo, e muito de massa como é hoje, mas já tinha sim, inclusive tinha até ônibus, não forte como hoje, mas já existia sim. Porém em relação ao sustento das famílias a mineração ainda era a atividade mais forte.

Quais mudanças principais você vê na cidade daquele tempo para cá?

Muitas mudanças, com relação ao turismo foi uma atividade que se intensificou muito nesses últimos vinte anos, hoje não tem um final de semana que não temos quatro, cinco ônibus fora os carros né, parados na cidade. A gente percebe isso, você vai na cachoeira final de semana você tem que ficar na fila para tomar uma ducha. E foi essa intensificação do turismo que em decorrência disso eu percebo uma grande modificação lá na cidade (núcleo urbano) com o adensamento das construções especialmente em áreas proibidas né, áreas que deveriam ter um controle maior por estar em torno de bens tombados, o topo do morro que é simbolizado pelo Parque Antônio Rosa. O parque foi uma das áreas que foi tombada ne, lá em 2003, então foi depois de eu defender. Mas o objetivo desse tombamento foi por exemplo segurar as ocupações no topo do morro ne, foi por isso que foi feito esse tombamento a toque de caixa. Então o adensamento com relação a ocupação dos espaços vazios e também a verticalização né, das edificações, então antes a gente tinha uma cidade um pouco mais esparramada com alguns vazios e as edificações normalmente de um pavimento, em alguns casos dois pavimentos e nos últimos vinte anos a gente vê o terceiro e as vezes até o quarto pavimento já aparecendo. Os espaços vazios no caso os quintais de casas por exemplo eles foram fazendo um

“puxadinho” aqui um “puxadinho ali, e a gente vai vendo a formação desses “corticinhos” dentro da cidade, você vê uma portinha e nem imagina quantas casas tem lá dentro! Então acho que esse foi o impacto decorrente da intensificação do turismo nesse processo que a mineração deixou de ser a fonte principal de renda das famílias que começaram a investir no turismo. Então com relação a turismo mais ou menos isso.

Com relação a mineração o que a gente percebe é o seguinte: no finalzinho da década de 90 e começo do ano 2000 a gente viu chegar novas tecnologias na pedreira, que é o uso da perfuratriz ne que antes eles usavam só o compressor com aquele martetele menorzinho e a chegada das perfuratrizes aumentou muito a capacidade de explosão das mineradoras a gente viu chegar muito daqueles caminhões fora de estrada sabe, aqueles largões pra carregar o material das pedreiras então acho que principalmente a perfuratriz significou uma nova transformação tecnologia que, pela própria potência da exploração que a perfuratriz permite a gente vê uma geração de rejeitos muito mais intensa né, nesses últimos vinte anos do que antes ne que a mineração já é, assim, eu vou fazer uma comparação que pode não ser exata mas assim, o volume de rejeito gerado nesses últimos vinte anos com o uso da perfuratriz ousou dizer que equivale ao rejeito gerado nos últimos 50 anos só com o uso do compressor. Isso foi uma grande transformação que aconteceu nos últimos vinte anos. Uma coisa muito expressiva que aconteceu em relação a mineração: a entrada de trabalhadores de fora ne, porque se no século passado a gente tinha a grande maioria dos jovens, dos rapazes, dos senhores até dos mais velhinhos trabalhando na mineração aqui, o que a gente vai ver nesses últimos vinte anos? Com o crescimento do turismo esses jovens começam a abandonar as frentes de lavra em busca de uma vida melhor, ne? Então muitos saem ‘pra’ estudar, outros passam a se dedicar ao turismo pois passa a ter essa demanda muito maior por causa do turismo então de tirador de pedra ele vira guia turístico, de tirador de pedra ele faz um ‘condinho’ (casa de aluguel para temporada) dentro daquela perspectiva de adensamento no núcleo urbano, ou aluga a própria casa então esses jovens vão abandonando a pedreira. Em decorrência disso acabam vindo trabalhadores de fora, então hoje nós temos uma grande maioria dos trabalhadores de fora: eles vêm de São Bento Abade, de Cruzília, Baependi, das roças ao entorno...essa população empobrecida

que vive na zona rural e nas periferias de cidades vizinhas acaba, por falta de opção, empregando a sua mão de obra aqui na serra.

Como você vê a atuação da gestão municipal a respeito da mineração e do turismo?

Olha, o turismo nasceu aqui de forma bem espontânea, sem planejamento as pessoas vinham e chamavam os colegas e tal, então foi uma atividade espontânea. Eu vejo uma total falta de controle e descaso mesmo, assim, tanto com o patrimônio que a gente pode chamar de capital mineral do lugar ne, quanto o que a gente pode chamar de capital natural do lugar ne, já que tudo é dinheiro, né, já que mede-se tudo por dinheiro...então com relação do turismo eu vejo assim uma tremenda desorganização porque 'cê' vê assim tudo muito precária, não tem fiscalização dos meios de hospedagem, a vigilância sanitária é fraca em relação as cozinhas eu já entrei em cada cozinha que socorro, meu pai eterno! Assim, aqui onde eu moro por exemplo, já aconteceram várias festas *rave*, num lugar onde mora gente idosa, famílias e tal e ficam os chapados "babando" ai na estrada. Outra coisa com relação ao turismo, essa questão da poluição sonora: tem até uma lei federal que fala ne, não especifica horário, mas a partir do momento que o som de um incomoda o outro isso não pode acontecer né, e aqui em stl o que a gente vê na parte alta da cidade por exemplo, é insuportável. Não agora na pandemia né, mas normalmente é um lugar insuportável de se viver porque o som muito alto, além disso as pessoas muito drogadas, muito bêbadas ali, entendeu, então são Thomé acabou recebendo essa alcunha de ser uma cidade sem lei, uma cidade em que tudo pode. E tem muito morador que ainda reforça isso, leva turista na 'boca'. E a maioria das pessoas sabe onde essas 'bocas' funcionam sabem quais estabelecimentos são fachadas 'pra' outro tipo de negócio, a polícia é acionada e assim, não dá pra gente entender ne, porque nada acontece. Porque isso se repete ano após ano, aquele som insuportável, quem mora na cidade não tem paz nem sossego, a gente sabe, isso por ouvi dizer, vamos colocar como uma "fofoca" digamos, pois não sei te falar quem é quem ou se é verdade...mas a gente ouve falar que uma ponta do Parque é comandado pelo pcc, outra pelo comando vermelho, né, moradores lá de cima que relatam ouvir tiros como toque de recolher, então a gente ta falando de cenas de favela do RJ, SP se repetindo numa cidade de sete mil habitantes. Então acho que isso é uma coisa gravíssima, quantos meninos

nativos de stl presos em três corações por venda de drogas? Esses meninos foram aliciados, eles entraram nisso aí por abandono: abandono da sociedade, abandono do poder público que devia ta aí zelando, ne, poxa, se 'cê' é prefeito do lugar e sabe que determinado estabelecimento comercial é fachada para venda de crack, você vai continuar dando alvará pra esse estabelecimento continuar funcionando? Então acho que realmente o poder público peca muito nesse sentido. Outra coisa também muito precária que eu acho que assim, o santo é forte de verdade, são Thomé é forte de verdade pra você ver, um lugar tão perigoso na natureza, cheio de cobras, escorpião, de bicho, passeios perigosos ne, cachoeira, escalada...você tem um pronto socorro que não tira um raio x do seu dedo mindinho se você precisar, não tem soro não tem estrutura nenhuma pra população, o que se dirá pra desenvolver o turismo da maneira tão intensa como ele é desenvolvido aqui hoje. Então assim, eles vendem muito o lugar e oferecem muito pouco em troca, ou seja, esse produto ele é mal composto. Muita coisa na clandestinidade, muita briga, agora até que melhorou um pouquinho a questão dos condutores de turismo tal, mas assim uma coisa muito na informalidade, um perigo realmente pro turista que vem.

Com relação a mineração o que eu vejo é um tremendo descaso também. Porque a gente vê isso é evidente, você não precisa ser especialista em nada 'pra' você ver o estrago que a mineração faz aqui: não existe recomposição da paisagem, não existe revegetação de pilha de rejeito, não existe nenhuma exigência com relação ao método de lavras dos empreendimentos que aproveitam quando muito 10% do material revolvido da serra. Então assim essas coisas todas poderiam estar condicionadas a liberação do alvará, ne. "Olha você vai ter alvará 'pra' funcionar aqui mais um se você reaproveitar rejeitos da pilha tal, você vai ter alvará se você reservar x vagas de emprego para moradores locais, você vai ter alvará se pagar os impostos direitinhos, você vai ter alvará se você instalar uma planta pra beneficiamento do minério que você tira pra gente poder arrecadar mais ICMS aqui." Então, a medida que a prefeitura libera o alvará 'pra' uma atividade predatória ela 'ta' destruindo. Não vou falar nem em patrimônio, vou falar de capital, ela está destruindo o capital mineral do município, uma atividade que poderia durar duzentos anos vai durar muito menos por causa dessa falta de cuidado de quem deveria 'ta' tomando conta do negócio. E ainda faltou mais uma coisa que vem em

decorrência do turismo! Como a gente falou do adensamento você veja bem, aqui existe lei federal que fala disso também ne, o estatuto das cidades. E você pega aqui por exemplo tem leis também que falam ne, o código de obras e edificações por exemplo que falam que não pode construir em cem por cento dos lotes. Você não enche duas mãos de edificações que deixam realmente aquela parcela do lote que tem que ficar vago ne, 'pra' ventilação, insolação. Então é uma cidade que tem de a ficar doente, na minha opinião. Pois ela não segue nenhum parâmetro racional e logico de ocupação do território. Só vai fazendo, vai fazendo...embora tenha uma lei do código de edificações, mas que a própria prefeitura não segue a lei, quando permite essas obras ou quando se omite nas fiscalizações ou aprova projeto ou deixa a obra sem projeto. Tem esse porem também sobre a atuação da prefeitura

Você acredita que essas duas atividades, turismo e mineração podem conviver de forma benéfica?

Eu acredito, eu acredito que elas podem ser inclusive complementares. Tanto o turismo se apropriando de antigas cavas, de locais de extração mineral, até de próprias pedreiras em atividade. Como uma visitação, um passeio, claro que não feito como eles fazem aqui. É algo que exige planejamento, roteirização, PI, o condutor deve 'ta' habilitado 'pra' conduzir um grupo em local de difícil acesso, de perigo mesmo, e mas como todas as cachoeiras daqui que não são minimamente preparadas pra receber o turista e recebe ônibus e ônibus de uma vez. Mas acho que pode sim ser atividade complementar, a cidade poderia ser um *show room* da mineração se houvesse um fomento de usar os próprios produtos até do reaproveitamento desse material. Quantos turistas não poderiam virar clientes até da mineradora? O turismo de negócios poderia ser feito, muitos lugares recebem aí as feiras, na Europa tem a feira de Verona mundialmente famosa na área da mineração. Então é uma cosia que daria 'pra' fazer sim, não vejo problema, e também não sou contra a mineração, sou contra a mineração predatória do jeito que ela acontece hoje, mas ela é uma atividade cultural. Sou contra minerar em beira d'agua, sou contra jogar rejeito dentro do córrego, sabe? Sou contra trabalhador que trabalha ali em regime semiescravo, sem EPI, sou contra sonegação fiscal, sou contra esse método de lavra que eles usam hoje assim completamente predatório mesmo, sou contra o não aproveitamento do rejeito. Ai de todo material revolvido tem pedreira que

aproveita 3 por cento, uns falam em mais, mas não acredito, não. A questão da vegetação tem que ser levada muito em consideração, a serra de stl é campo rupestre, tem biólogo que fala que é um por cento, outros falam em três por cento do território nacional apenas é coberto por campo rupestre, ou seja, é uma vegetação raríssima! A gente nem conhece direito as plantas que estão ali e elas já estão sendo exterminadas. Tem o pessoal que cataloga as orquídeas aí. Há mais de cem espécies nativas de orquídeas em São Thomé, isso não é pouca coisa! A canela de ema que está quase em extinção, mesmo. La 'pro' lado de BH onde tem canela de Ema ou é cercado pelo parque ou é área tombada, mas aqui...

E outra, a serra é cheia de inscrições rupestres, era né, agora muito já foi degradado muito por causa do descaso dos órgãos ai nem é caso só de prefeitura mas também do Estado e principalmente da união que é a responsável legal desde 1960, tem uma lei específica que fala da preservação de patrimônio arqueológico e que nunca tomou pé dessa situação, agora falar que eles não sabiam também é uma coisa muito questionável, porque existem relatos, uma gruta que contem inscrição rupestre e deu origem a urbanização da cidade, sabe, se tem numa gruta não ia ter outras por perto? Então você vê que deixaram de lado mesmo São Thomé, e a questão da mineração metendo o pau ai, sei que eles são bem articulados principalmente, a bancada da mineradora não é fraca. E o resto foi deixado como resto mesmo.